

Marco Medronha da Silva

**IDENTIDADES DE GÊNERO ENTRE OS ESTUDANTES DO MEIO RURAL
DE PELOTAS:
UMA ABORDAGEM DISCURSIVA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras na Linha de Pesquisa: Texto, Discurso e Relações Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Educação da Universidade Católica de Pelotas. Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Susana Bornéo Funck

Pelotas, RS, Brasil

2006

Este trabalho é dedicado à minha família, a motivação suficiente e necessária que preciso para ser uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de conviver com pessoas tão especiais em minha vida. Nesse caminho está minha esposa, estão os filhos, amigos e professores, deles recebi incentivo e o aprendizado.

Obrigado meus filhos Marco, Victor, Duana e minha querida mulher Dulce, pela paciência, compreensão, amor e apoio recebido durante esse tempo em que estive mais dedicado a esse trabalho do que por vezes à família.

Quero agradecer muito especialmente à minha competente e dedicada orientadora Doutora Susana Bórneo Funck, uma profissional da educação que aprendi admirar por sua sinceridade, sabedoria e paciência.

Finalmente, mas não menos importante, meus professores do Mestrado de Letras, os quais ao democratizarem seus conhecimentos ajudaram a construir em mim, novos saberes. Assim já não sou mais o mesmo, meu discurso é diferente, eles fazem parte da minha nova realidade.

RESUMO

Este estudo examina textos produzidos por jovens da área rural, buscando identificar possíveis marcas do masculino e do feminino. Professores do meio rural receberam textos digitados, sem marcas externas, com a finalidade de identificar o sexo do(a) produtor(a), por meio da indicação de aspectos lingüísticos considerados característicos do texto feminino e do masculino. A percepção empírica dos professores é investigada no trabalho através da análise de algumas das estruturas lingüísticas presentes no texto, mais especificamente a adjetivação, a modalidade e a transitividade, segundo o modelo de Análise Crítica de Discurso proposto por Norman Fairclough. As conclusões apontam que, embora as percepções dos professores/leitores não tenham sido totalmente confirmadas, algumas das diferenças detectadas entre os textos masculinos e femininos dentro do universo investigado podem ser atribuídas à identidade de gênero.

Palavras-chave: masculino; feminino; texto; discurso.

ABSTRACT

This work investigates texts produced by boys and girls of a rural community, seeking to identify marks of gender. Teachers in the community received copies of the texts, in a standardized format, and were asked to identify whether the texts were written by a boy or a girl, indicating linguistic aspects which might be characteristic of masculinity or femininity. Their empirical perceptions were then investigated by means of an analysis of some of the structures present in the texts, namely the use of adjectives, modality and transitivity. The general theoretical framework was Norman Fairclough's principles of Critical Discourse Analysis. The results indicate that, although the readers' perceptions were not for the most part supported by the textual data, nevertheless some of the differences detected between texts produced by boys and by girls might be attributed to gender identity.

Keywords: masculinity, femininity, text, discourse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 METODOLOGIA	3
2 REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 Identidade e Diferença	9
2.2 Gênero	15
2.2.1 A construção social das identidades de gênero	18
2.2.2 Gênero e meio ambiente	20
2.3 Discurso	23
2.3.1 A Análise Crítica do Discurso	26
2.3.2 O texto no modelo tridimensional de Fairclough	27
3 ANÁLISE	32
3.1 Usos e tipos de adjetivos	34
3.2 A modalidade e a transitividade	43
3.2.1 Modalidade	43
3.2.2 Transitividade	50
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	58
ANEXO 1 – Cópias dos textos originais recebidos dos alunos	60
ANEXO 2 – Textos digitados entregues aos professores	91
ANEXO 3 – Formulário entregue aos professores	105
ANEXO 4 – Respostas dos professores	106
ANEXO 5 – Seleção de textos com identificação de orações materiais, mentais e relacionais	136
ANEXO 6 – Reportagem do Jornal Diário Catarinense.....	142

INTRODUÇÃO

As questões de gênero têm sido cada vez mais freqüentemente discutidas por sociólogos, lingüistas, comunicadores e vários outros profissionais que atuam na área das ciências humanas. O presente trabalho pretende identificar possíveis marcas do masculino e do feminino em textos produzidos por jovens das áreas rurais do município de Pelotas, RS, através de uma análise discursiva e multidisciplinar.

A definição do tema surgiu durante a elaboração de um trabalho para a disciplina Ensino e Aprendizagem de Língua Materna, que enfocava a questão da identidade e da diferença. Ao observar um lote de cartas escritas por jovens escolares do meio rural de Pelotas, sobre o assunto meio ambiente, procurava identificar, através de seu discurso, o comprometimento ou a indiferença dos mesmos em relação ao tema. Porém, algo bem marcado parecia estar presente no discurso dos jovens adolescentes: a identidade manifestada através do gênero.

Movido pela curiosidade e com o propósito de valorizar um pouco mais o trabalho, resolvi identificar quem estava falando pela aplicação de um exercício prático, lendo as sentenças em voz alta e perguntando aos familiares: “Quem disse esta frase foi homem ou mulher?”. Quase todas foram identificadas corretamente.

Daí surgiu, então, a idéia de investigar quais as marcas lingüísticas que efetivamente caracterizavam os textos como representativos de um discurso masculino ou feminino. Mas havia dois problemas. Em primeiro lugar, eu já sabia quais textos haviam sido produzidos por meninos e por meninas. Além disso, como os textos tinham sido escritos à mão, em folhas de papel de vários tipos e tamanhos, alguns fatores extra-lingüísticos, como tipo de letra, cor de tinta, ilustrações, e outros, poderiam influir na identificação. Assim sendo, decidi fazer a digitação das

cartas com o propósito de eliminar as marcas externas e apresentá-las a pessoas ligadas à educação e ao meio rural, para que elas identificassem possíveis marcas e a identidade de gênero dos produtores dos textos.

Delinearam-se, assim, os seguintes objetivos da pesquisa:

1. Identificar as razões mais apontadas para o feminino e as mais apontadas para o masculino.
2. Ir aos textos e verificar se essas razões se justificam lingüisticamente, através de categorias gramaticais e dos instrumentos analíticos fornecidos pela Análise Crítica do Discurso.
3. Estabelecer possíveis significados ideológicos dessas escolhas lingüísticas e de sua identificação (ou não) pelos professores.
4. Identificar as razões apontadas que não podem ser averiguadas lingüisticamente e oferecer possíveis interpretações.

O trabalho utiliza um corpus formado de cartas escritas por jovens rurais do município de Pelotas, as quais fazem parte de uma promoção realizada por um programa de televisão chamado Terra Sul, no qual os jovens escolares deveriam dissertar sobre o tema meio ambiente. O total de cartas recebidas pelo programa foi de cerca de 350.

A análise será feita no âmbito da lingüística aplicada, utilizando-se principalmente os parâmetros de análise textual conforme explicitados por Norman Fairclough e pelas teorias da Análise Crítica do Discurso em geral. Para as questões de gênero, ou da relação entre masculino e feminino, utilizaremos basicamente os conceitos de Bourdieu, fazendo também incursões em estudos sobre identidade e diferença.

Acreditamos que o trabalho em questão, a identidade pelo gênero, pode servir aos educadores como um instrumento na forma de lidar com as identidades, percebendo as manifestações de gênero no meio rural, a relação com o gênero no meio urbano e a compreensão das diferenças. Esses conhecimentos e uma maior conscientização sobre a questão poderão levar o educador a uma nova postura em relação aos indivíduos que compõem o universo rural. Ao disponibilizar à educação formal ferramentas para encontrar especificidades nos discursos de meninos e de meninas, poderemos alertar educadores para a existência (ou não) de uma socialização diferenciada entre meninas e meninos.

1 METODOLOGIA

Para verificar as marcas de gênero manifestadas e percebidas em textos dissertativos de jovens estudantes do meio rural de Pelotas, foram selecionadas trinta cartas escritas por alunos de 5ª e 7ª séries do primeiro grau a uma promoção de um programa de televisão rural. Nas cartas, os alunos falam do próprio entendimento sobre questões ambientais. A seleção, a partir de um conjunto inicial de cerca de 350 cartas, foi feita na ordem de inscrição das mesmas, tendo sido escolhidas as 15 primeiras cartas de alunos e as 15 primeiras cartas de alunas (Ver Anexo 1).

Após sua digitação, de forma a eliminar as marcas extralingüísticas e uniformizar a apresentação dos textos (Ver Anexo 2), as cartas foram apresentadas a um grupo de cinco professores de escolas localizadas nas comunidades em que tiveram origem os textos, e professores ligados à pesquisa agropecuária e à comunicação rural. Os educadores serão identificados na pesquisa como professora A, professora B, professora C, professor D e professor E, todos com Ensino Superior, como se pode verificar abaixo:

Professora A – Licenciatura plena em Educação Artística, habilitação em Música, e especialização em Educação (História da Educação e Movimentos Sociais).

Professora B – Licenciatura em Letras.

Professora C – Graduação em Pedagogia.

Professor D – Direito e Comunicação Social, pesquisador da Agropecuária e doutor em Comunicação Rural.

Professor E – Graduação em Comunicação Social, doutorado em Comunicação Rural (semiótica) e pesquisador da Agropecuária.

Os colaboradores na pesquisa, todos educadores em atividade na sala de aula, receberam um envelope contendo 10 (dez) textos digitados e 10 formulários (Ver Anexo 3) com duas questões básicas: identificar o gênero masculino ou feminino na autoria do texto, e justificar a escolha enumerando até 5 (cinco) marcas que caracterizariam a opção pelo sexo masculino ou feminino na produção do texto. Os dados coletados junto aos professores, e que resumimos abaixo para facilitar a consulta, se encontram reproduzidos no Anexo 4.

Professora A (20% de acerto em relação à autoria do texto):

Marcas apontadas nos textos femininos:

- 1 – *Preocupação com a família (saúde).*
- 2 – *Pensa, antes de colocar o dinheiro como essencial (o homem costuma priorizar a questão financeira).*
- 3 – *No final pede, não manda (questão da submissão feminina).*
- 4 – *Pensa na conseqüência das ações para o ser humano.*
- 5 – *Preocupa-se com a alimentação.*

Marcas apontadas nos textos masculinos:

- 6 – *Manejo do meio ambiente – homem é dominador.*
- 7 – *Extremamente objetivo ao analisar a vida como parte do ambiente e o resultado das ações.*
- 8 – *Domínio – refere-se ao homem dominando a situação do extermínio.*
- 9 – *Objetividade ao tratar das conseqüências do ato.*
- 10 – *Conclui o texto com afirmação das conseqüências (domínio).*

Professora B (50% de acerto em relação à autoria do texto):

Marcas apontadas nos textos femininos:

- 1 – *Uso de adjetivos.*
- 2 – *Poético.*
- 3 – *Místico (religiosidade).*
- 4 – *Mais imaginação (sonho).*
- 5 – *Sentimento.*
- 6 – *Textos com mais adjetivos.*

7 – *Uso de eufemismo.*

8 – *Linguagem clara.*

9 – *Apelo e não uma ordem para a solução do problema.*

10 – *O místico.*

Marcas apontadas nos texto masculinos:

11 – *Realista.*

12 – *Tem muitos argumentos além do que faz.*

13 – *Objetivo.*

14 – *Sem emoções.*

15 – *Texto com único parágrafo.*

16 – *Dificuldades com a concordância.*

17 – *Pontuação (falta).*

18 – *Imaginação e conhecimento do assunto.*

19 – *Falta de expressão pessoal.*

20 – *Texto direto ao problema tratado.*

21 – *Realista.*

22 – *Frieza ao tratar o assunto.*

23 – *Falta de imaginação.*

24 – *Sem muitos adjetivos.*

Professora C (66% de acerto em relação à autoria do texto*):

Marcas encontradas nos textos masculinos:

1 – *Texto bem colocado, mas não há aquele toque de menina.*

2 – *Menino escreve mais a teoria, seus conhecimentos, não relata a importância de tal “coisa” para ele.*

3 – *Não há emprego de muitos adjetivos.*

Marcas encontradas nos textos femininos:

4 – *Utilizou-se de vários adjetivos: lindo, adoro, puro, gostoso, etc...*

5 – *Geralmente meninas acabam dissertação com frase conclusiva.*

6 – *Em cada adjetivo empregado há uma maior demonstração de sentimento.*

7 – Expressa seus sentimentos, demonstra amor a natureza.

8 – Utiliza-se de muitos adjetivos.

9 – É mais sonhadora; há delicadeza nas palavras.

10 – Usa expressões como: “singela”, “criador”. Evidência sentimentos naturalmente.

11 – Nota-se que quando escreve, cada palavra cria-se uma harmonia muito agradável de se ler, onde demonstra inocência, deixando a leitura gostosa de ser apreciada.

Professor D (70% de acerto em relação à autoria do texto):

Marcas encontradas nos textos femininos:

1 – Uso de vocativo (“pessoal”) mais usado pelo feminino.

2 – Uso da expressão “em casa” é próprio das mulheres.

3 – Preocupação com a limpeza “...pois vai ficar imunda”.

4 – Expressões “muito lindo”, “muito bonito”.

5 – Expressões “são tão porcos”.

6 – Expressões “casa caindo e toda suja”: preocupação feminina.

7 – preocupação com a limpeza “não suje... não jogue lixo”.

8 – Expressão feminina: “lindo verde das plantas”.

9 – Sensibilidade: “É tão bom estar em contato com a natureza”.

Marcas encontradas nos textos masculinos.

10 – Poucos adjetivos.

11 – Referência a lugares onde trabalham mais homens “chaminé das fábricas” ou tarefas feitas por homens; “queimadas das matas, aplicação de venenos”.

12 – Texto mais “seco”, sem adjetivos.

13 – Uso do gênero masculino. “O homem também...”

14 – O uso de expressões: “Os agricultores”, “os produtores”, “esterco”.

* A professora não analisou todos os textos, alegando ter muitos afazeres domésticos.

Professor E (80% de acerto em relação à autoria dos textos):

Marcas encontradas nos textos masculinos.

- 1 – Preocupação com agrotóxico (sua colocação).
- 2 – Fala das fábricas, dos carros.
- 3 – Uso da 3ª pessoa do singular (ela).
- 4 – Preocupação com o uso de agrotóxicos.
- 5 – Agrotóxicos “que ficam no nosso corpo”.
- 6 – Preocupação com o “veneno”.
- 7 – Preocupação em dar “conselho”.
- 8 – Uso da 3ª pessoa do singular (ele).
- 9 – Preocupação com o homem que “lavrou a terra”.
- 10 – Menção aos carros.

Marcas encontradas nos textos femininos.

- 11 – Uso da 3ª pessoa.
- 12 – Fala das doenças.
- 13 – Diz que a sociedade só pensa em dinheiro.
- 14 – Uso da 3ª pessoa.
- 15 – Preocupação com a natureza (rios, etc.).
- 16 – Preocupação com a saúde (doenças).
- 17 – Uso adequado do lixo.
- 18 – Uso da 3ª pessoa (nós).
- 19 – Atenção com a natureza, uso do lixo, desmatamento, agrotóxicos, ar, saúde e etc.
- 20 – Forma de expressar as idéias, inclusiva.
- 21 – Marca discursiva: “A natureza é tão bonita”.
- 22 – Marca discursiva: “Para que destruir?”.
- 23 - Uso da 3ª pessoa.
- 24 - Atenção com a natureza e o homem.
- 25 – A forma de expressar as idéias. “Inclusiva”.
- 26 – Marca discursiva: “Nossos filhos, netos e bisnetos”. A família.
- 27 – Marca discursiva: “Pobre de espírito”. Espiritualidade.

A lista de marcas apresentada acima corresponde apenas às cartas identificadas corretamente, pois, ao termos que limitar o elenco de razões apontadas, optamos por selecionar aquelas mais plausíveis, uma vez que os professores avaliadores não são especialistas nem em gênero nem em discurso. Embora cientes de que os erros também nos dizem algo, optamos por deixar essas informações para uma outra oportunidade, talvez dando prosseguimento ao presente estudo ou abrindo caminho para que outros pesquisadores possam trabalhar tais informações.

Em relação à questão de identificação correta ou incorreta dos textos, é interessante destacar que, entre os educadores que participaram da pesquisa, a média de acertos ficou em 57, 2%, sendo que os homens obtiveram uma média de 75% e as mulheres uma média de 45,3 %, embora isso possa se dever ao fato de que os dois avaliadores do sexo masculino apresentavam uma formação acadêmica mais elevada. O que mais nos interessa, entretanto, são as razões apontadas para identificar um texto como masculino ou feminino.

Seguindo os objetivos apresentados na Introdução, fizemos uma seleção das marcas mais mencionadas e partimos para os textos dos alunos e alunas, com o intuito de verificar os fundamentos lingüístico-discursivos dessa identificação de marcas textuais.

No Capítulo 3, apresentaremos a análise propriamente dita, tendo como foco principal a lingüística aplicada e o discurso. Antes de procedermos à interpretação dos dados, entretanto, torna-se necessário estabelecer as bases teóricas sobre as quais fundamentou-se a análise. É o que será feito no capítulo que segue.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Identidade e Diferença

A mesma sociedade que constrói a identidade do indivíduo pode ser a mesma que aponta para as diferenças. Vivemos em um processo de construção contínuo, onde cada um procura se entender, se conhecer melhor, buscar suas raízes, encontrar-se com sua identidade, mas o sistema parece enxergar muito mais as diferenças e talvez por isso estas são mais marcadas.

As questões relativas a identidade e diferença são centrais na visão de Silva (2000, p.73), para quem a teoria educacional crítica e o sistema pedagógico oficial incluem o tema dentro de um universo mais amplo, que parece se diluir no que ele chama de “multiculturalismo”. Nesse sentido, o assunto tende à marginalidade no momento em que é tratado apenas como parte dos “temas transversais” propostos pela Lei de Diretrizes e Bases. Na medida em que o sistema educacional formal, ou até mesmo o informal, venha a tratar a identidade e diferença de maneira superficial, estas questões deixam de ser percebidas pela sociedade como algo necessário para o debate e o aprofundamento, sendo entendidas para a grande maioria como algo natural. Assim passam a ser aceitas como verdades, e como tais não devem ser questionadas.

Como a produção social da identidade e da diferença tende a ser naturalizada, parece necessário que entendamos seus conceitos e definições. De uma certa forma parece ser fácil definir “identidade” (Silva, 2000, p.74), pois ela pode ser vista apenas como aquilo que se é: “sou branco”, “sou negro”, “sou homem”, “sou mulher”, “sou urbano”, “sou rural”. Nesta visão a identidade é concebida como uma característica independente, um fato autônomo, autocontido e auto-suficiente.

Olhando desta forma, a identidade tem como referência ela própria. Ainda segundo Silva (2000, p.74), "...também a diferença é concebida como uma identidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: 'ela é italiana', 'ela é branca', 'ela é homossexual'...". O autor continua seu raciocínio salientando que, nesta perspectiva, a identidade é auto-referenciada, entendida como o que remete a si própria. Assim nos parece que a identidade está mais ligada à imagem que fazemos de nós, e a diferença está mais próximo daquilo que pensamos dos outros. Dessa maneira, é possível compreender que a identidade e a diferença estão muito ligadas e possuem uma relação estreita. Ao que nos parece, o ser humano quanto mais busca o auto-conhecimento e conseqüentemente sua identidade consegue ver e compreender melhor as diferenças.

A produção da identidade e da diferença pode ser o resultado de atos de criação lingüística; tudo leva a crer que a produção surge por meio dos atos de linguagem. A tendência é tomarmos a identidade e a diferença (Silva, p.76-77) como "fatos da vida", que por conseqüência necessitam ser nomeados. Parece evidente que é apenas por meio dos atos de fala que instituímos a identidade e a diferença.

A marcação da diferença e a afirmação da identidade implicam, invariavelmente, operações de incluir e excluir, o que significa dizer que "o que somos" representa também dizer o que não somos. Essa demarcação de fronteiras separa e diferencia, sugerindo e instigando relações de poder, pois a identidade está fortemente ligada à separação entre "nós" e "eles".

Como atos lingüísticos, a identidade e a diferença estão muito ligadas aos signos e aos elementos que constituem uma língua. Para Silva (2000), o significado de uma palavra não possui valor absoluto se considerado de forma isolada; o signo tem sentido e se identifica quando é contextualizado. Assim os elementos que constituem a identidade e a diferença possuem sentido quando ligados a uma cadeia de relações. O problema é que nossa herança humanista cartesiana instituiu o binarismo e a dicotomia como as formas predominantes de apreensão da realidade (bem/mal, certo/errado, claro/escuro etc.), impedindo que se vislumbrem cadeias de relações mais amplas e menos hierárquicas. Relacionando essa posição filosófica com o tema deste estudo, vemos que o signo "feminino", por exemplo, não teria sentido se não houvesse o "masculino", e vice-versa. Eles se complementam (e se opõem) por fazerem parte de um universo de sentidos em que os significados

dependem de oposições binárias. Da mesma forma, opõem-se o “rural” e o “urbano”, embora bem saibamos que atualmente, com o desenvolvimento tecnológico e dos meios de comunicação, uma pequena cidade agrícola do interior de um país desenvolvido possa ser bem mais “urbana” do que uma grande metrópole de um país em desenvolvimento.

Dentro do sistema de significações em que transitam, a identidade e a diferença são entendidos como elementos mais ligados à cultura do que propriamente aos seres da natureza. Silva (2000, p.78) comenta que “O signo é um sinal, uma marca, um traço que está no lugar de uma outra coisa,...”; ele pode ser um conceito de um objeto concreto, como “gato”, ou pode ser um conceito abstrato, como “amor”. Mesmo as palavras com a mesma grafia, usando o exemplo do autor, ao se referir ao signo “gato”, podem ser o objeto concreto/animal ou o conceito abstrato de homem “bonito”. Ao que parece, o conceito de coisa/concreto e o abstrato não estão presentes no mesmo signo.

Desta maneira presume-se que somos dominados por uma estrutura lingüística que representa ser sólida, mas que ao mesmo tempo mostra sinais de instabilidade, pois o processo de significação parece ser indeterminado. Estas características da linguagem parecem ser fundamentais para as questões culturais da identidade e diferença, na medida em que são definidas, mesmo que parcialmente, por meio da linguagem. “Em suma, a identidade e diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem” (Silva, 2000, p.80).

Ao retomar as relações de poder da identidade e da diferença como resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, necessariamente temos que pensar na forma igualitária de desenvolvimento do processo. Silva (2000) diz que a maneira pela qual o adiamento e a diferenciação dos processos lingüísticos estão longe da simetria. As formas lingüística e discursiva, geralmente, estão pré-definidas e são consideradas como “vetores de força” que parecem ser impostos. Como produto desta imposição, temos as conflitantes relações de poder, com hierarquias diferentes, em desarmonia e em constante disputa.

Em todos os campos sociais é possível perceber uma constante disputa nas relações de poder, seja por recursos simbólicos ou materiais. As relações sociais levam naturalmente a necessidades de empoderamento, que resultam no desenvolvimento social do indivíduo. Essas relações travadas na construção da

identidade podem começar no início da vida escolar, quando os alunos disputam as melhores notas, um lugar na fila, a atenção do professor. Estas por certo correspondem à conquista de recursos simbólicos. Já os recursos materiais parecem estimular mais as relações de poder. Um bom exemplo talvez seja o ambiente de trabalho na vida adulta, onde além dos recursos simbólicos estão mais acentuadas as conquistas pelos bens materiais.

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo de diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com as relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença, não são, nunca, inocentes (Silva, 2000, p.81).

Existem vários processos pelos quais as relações de poder se manifestam, com estreita ligação com o sentido de classificar entre bons/maus, excluir/incluir, nós/eles etc., mas a busca pela diferenciação dentro dos grupos sociais é para o autor o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas.

Observar e analisar tais diferenças torna-se possível somente através da interação, como recomenda Lopes (2003, p.31) ao afirmar que é por meio da dinâmica da interação que as pessoas constroem os significados. Segundo Lopes, as identidades sociais (gênero, classe, sexualidade, raça e etc.) podem ser exercidas pelas mesmas pessoas, porém as práticas discursivas podem ser diferentes. As múltiplas identidades independem da nossa vontade, pois o discurso pode vir impregnado pelo poder e esse influencia o resultado da prática discursiva. De maneira simples, conclui Lopes (2003, p.37), dizemos que as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas são construídas pelo discurso.

Embora nosso interesse principal neste trabalho de identificação de marcas lingüísticas em textos produzidos por jovens do meio rural seja a identidade de gênero, e não a questão das diferenças identitárias entre o mundo rural e o mundo urbano, julgamos apropriado tecer algumas considerações de caráter geral sobre essa última, com o intuito de situar a experiência comum dos produtores dos textos a serem analisados. Nosso propósito é o de buscar uma melhor compreensão da identidade rural em relação ao meio ambiente, lugar onde é construído o universo dos atores sociais investigados neste trabalho. Para tal, tomaremos o estudo dos

sociólogos Sorokin e Zimmerman (apud Solari, 1979), no qual estão contempladas as diferenças clássicas entre o campo e a cidade.

As diferenças apontadas por Solari (1979) parecem ficar mais claras quando os meios urbano e rural se encontram em estágios mais avançados de desenvolvimento. Assim, entendemos que atualmente, devido à evolução dos centros urbanos, as diferenças são mais facilmente percebidas do que na Idade Média, por exemplo, quando não havia delimitações claras entre o que era campo e cidade.

Entre as inúmeras diferenças reconhecidas pelo autor, duas parecem estar mais ligadas ao presente estudo: as diferenças ocupacionais e as ambientais. O principal critério para a definição da população rural parece ser o ocupacional, ou seja, o seu envolvimento com as atividades agrícolas ligadas ao cultivo de plantas e à criação de animais. Aí residem os principais traços atribuídos ao meio rural, segundo Sorokin e Zimmerman (apud Solari, 1979): a) diferença ambiental (o rural mantém contato direto com a natureza); b) atividade econômica peculiar (realizada ao ar livre); c) descaso com a técnica (o agricultor é mais resistente a mudanças); d) contato com organismos vivos e forças da natureza (que não podem ser controlados); e) tamanho das comunidades (comunidades menores); f) população mais homogênea (em relação a cultura e o social); g) menos mobilidade social (restrito ao tamanho do grupo); h) interação entre os indivíduos (no meio rural as pessoas conhecem mais “intimamente” seus interlocutores). O estudo ainda revela a questão da complexidade (o meio rural seria menos complexo que o urbano).

As diferenças ambientais estão ligadas ao caráter da ocupação agrícola da população rural e parece ir muito mais além: o homem e a mulher do campo estão em uma proximidade maior com o meio ambiente e possuem uma relação, seguramente, mais direta com a natureza (solo, flora, fauna, água, sol, lua, vento, chuva) do que os habitantes urbanos, em meio ao cimento, aos edifícios, aos carros, às indústrias, ao lixo, à poluição, aspectos que aparecem como ameaças, problemas ou algo perigoso para o meio rural.

Um pouco mais de duas décadas após as generalizações propostas por Solari, com base nos estudos de Sorokin e Zimmerman, os movimentos sociais do campo ligados às trabalhadoras rurais parecem contrariar algumas dessas características. Segundo Van Der Schaaf (2003), ao tratar do MMTR-RS (Movimento da Mulheres Trabalhadoras Rurais do Rio Grande do Sul), criado com o objetivo de

aumentar a participação direta da mulher na vida cotidiana, e no estabelecimento da igualdade social e política das agricultoras, houve uma nítida modernização da agricultura nas décadas de 60 e 70 (Van Der Schaaf, 2003 p.3), quando os pequenos agricultores deram lugar aos empresários rurais. Ao se referir à posição da mulher, ela declara: “A modernização também alterou a organização interna dos pequenos estabelecimentos, onde diretamente relacionada à posição social da mulher, ocorreu perda da autoridade masculina, o que teve uma enorme influência no espaço da mulher”. Segundo ela, a modernização no meio rural criou outros espaços para a mulher e rompeu com padrões tradicionais de gênero quanto ao desempenho feminino na propriedade.

Paralelamente, a necessidade de evoluir e conhecer outros mundos trouxe, segundo Brumer (2004, p.4), uma continuada migração rural-urbana, esta caracterizada em maior número pelo sexo feminino. Dados da Emater/RS (apud Brumer, 2004) revelam que nascem no Rio Grande do Sul, na mesma proporção, bebês do sexo masculino e feminino. Considerando esta proporcionalidade populacional ao nascer, o êxodo rural maior das mulheres e a saída dos jovens mais empreendedores e educados, alterou a constituição de lares e de instituições produtivas nas comunidades rurais. Tal situação para Brumer (2004, p.6) trouxe problemas e conseqüências: a) o aumento do número de homens celibatários no meio rural, com conseqüências para o desenvolvimento das atividades produtivas agrícolas, tendo em vista o importante papel desempenhado pelas mulheres como mão-de-obra familiar não remunerada; b) a defasagem entre o número de moças e o de rapazes, o que pode ‘forçar’ o maior número de rapazes a emigrar, tendo em vista que raramente os jovens rurais encontram parceiras originárias do meio urbano que se disponham a viver no meio rural.

Como se pode observar, embora os conceitos clássicos de Sorokin e Zimmerman possam servir de parâmetros gerais ao diferenciar o rural e o urbano, existem fortes indícios de que o avanço da tecnologia agrícola e a penetração dos meios de comunicação por certo modificaram a vida no campo.

Até mesmo os processos emancipatórios de novos municípios, que aconteceram recentemente no Brasil, corroboraram a quebra de antigos paradigmas: atualmente existem comunidades rurais desenvolvidas com populações superiores às de muitas localidades que ganharam status de cidade. Estas, por conseguinte não possuem nem estrutura de cidade (calçamento, banco, hospital, etc.) e vivem da

agricultura. No entanto podemos encontrar comunidades tidas como rurais com todos os requisitos de cidades que possuem a base econômica na agricultura e atividades características das comunidades urbanas.

Segundo o ITEPA – Instituto de Pesquisa Agropecuária e Assessoria/UCPel, o êxodo rural no Rio Grande do Sul e no Brasil provocou uma verdadeira transformação social; entre as décadas de 1970 e 1990 houve diminuição dos habitantes do meio rural de 47%, índice da população que migrou para os centros urbanos. A permanência da população no campo é caracterizada pela estrutura fundiária, isto é, pelo grau de distribuição da terra, assim como pela característica produtiva de cada município ou região. Municípios com maior número absoluto de pequenas propriedades e com uma agricultura mais diversificada possuem um número maior de pessoas no campo (2001, p.18).

Com toda essa mobilidade social e a constante reestruturação das propriedades rurais, as diferenças entre o rural e o urbano tendem a ser minimizadas, parecendo ser uma construção do imaginário das pessoas que ainda cultivam os conceitos clássicos, possivelmente superados pela evolução das modernas formas de tecnologia agrícola e comunicacional.

No que concerne à questão da identidade e da diferença, portanto, se continuamos a utilizar em nossa análise as categorias binárias rural e urbano, masculino e feminino, apesar de as termos de certa forma problematizado, é porque essas categorias ainda se encontram arraigadas em nosso imaginário social e continuam servindo para estruturar nossas crenças e nossas práticas cotidianas.

2.2 Gênero

As contradições sociais, quando o assunto é gênero, podem aparecer em vários campos das relações humanas. Os conflitos sobre o tema, conforme explicitado por Itamara Dall’Alba (2001, p.50), surgiram nos meados do século XX, quando algumas feministas perceberam a instrumentalização das diferenças sexuais entre machos e fêmeas da espécie humana para justificar desigualdades sócio-culturais entre homens e mulheres. Entre as primeiras atribuições das feministas está o estabelecimento de distinções entre sexo e gênero, sendo que sexo é fisiológico e refere-se aos componentes biológicos, e gênero é cultural, sociológico. Assim, tornar-se homem ou mulher envolve assumir comportamentos e

desempenhar funções e papéis sociais que, ao longo da história, foram considerados como “masculinos” e “femininos”.

As atitudes ou comportamentos do homem ou da mulher são, portanto, culturais e socialmente construídos. Mas, por um processo de naturalização, sua contingência histórica é apagada, passando suas características a serem vistas como imanentes à “natureza dos sexos”. É desse processo que decorrem os estereótipos de gênero e a valoração diferenciada das atividades de homens e mulheres. Nesse sentido, o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais com fundamentos nas diferenças percebidas entre os sexos.

As relações de poder estão presentes nas definições de gênero, pois, sendo constituído por uma oposição binária, não pode ser compreendido apenas como diferença, mas como desigualdade, na qual o homem apresentaria uma superioridade em relação à mulher. Esta hierarquia social é a raiz do problema e a motivação para os movimentos feministas que buscam a igualdade.

As teorias existentes sobre gênero, segundo Suárez (apud Dall’Alba, 2001), foram incapazes de comprovar as desigualdades entre homens e mulheres. Embora diferenças naturais possam ser percebidas entre os corpos de homens e os de mulheres, não há nada que justifique uma hierarquia social e cultural entre o masculino e o feminino. Enfocando a questão da educação, objeto de seu estudo, Dall’Alba enfatiza a necessidade de se alterarem os conceitos de gênero ainda vigentes em nosso meio.

Um dos caminhos indicados para diminuir as diferenças e construir uma educação sem preconceitos pode ser a mudança de postura dos próprios educadores ao abordar em sala de aula as relações entre o masculino e o feminino. Outra medida parece ser a construção de um currículo escolar adaptado à atualidade, com a finalidade de fugir dos currículos antigos que ao longo da história valorizam heróis em detrimento de movimentos sociais de base. No meio rural propriamente dito, a ênfase parece ser para o feito dos colonizadores, uma distinção que por vezes esconde a conformidade dos colonizados, a valorização da raça branca e a escravidão dos negros. A figura masculina e os mitos parecem estar no centro da história educacional, reafirmando de uma certa forma o sistema patriarcal também na sala de aula. Considerar os pares, desmistificar e contextualizar pode ser o caminho da educação igualitária e sem preconceitos.

Os sinais do sistema dominante, visivelmente masculinos, parecem ser ainda mais acentuados no meio rural, onde a cadeia produtiva do setor primário vê o agricultor como referência, no sentido de que a “agricultora” não é vista nos programas governamentais, por exemplo, como alguém que pode ter acesso ao crédito. Os formulários de preenchimento de dados, via de regra, fazem referência ao “produtor” ou “agricultor”. O mesmo pode se dizer em relação às potencialidades de trabalho da mulher, já que, segundo Brumer (2004, p.9), o homem na maioria das vezes é responsável pela principal atividade econômica da propriedade, “mantém contatos com os técnicos rurais e agrônomos, faz a maioria das vendas e contatos com os bancos (empréstimos e pagamentos) e participa das associações e sindicatos”. São também os homens que administram os recursos oriundos da propriedade. Brumer (2004) continua: “mesmo que as mulheres participem juntamente com os maridos na tomada de algumas decisões, são eles que conduzem o processo decisório quando se trata de investimentos referentes à produção...”. Assim, a mulher tende a ser vista como refém de um sistema que valoriza mais o trabalho masculino.

Em termos gerais, afirma Dall’Alba,

o mais comum é o aprisionamento da mulher em estereótipos, tentando “encaixá-la” em padrões considerados normais: intuitiva, sensível, delicada, amorosa, altruísta, culminando com a expressão maior do instinto materno; delineando características de inferiorização da mulher, justificando sua dependência e passividade quando comparada à racionalidade do homem e liberdade de ação e participação social (2001, p.32).

O processo de padronização começa desde o nascimento do bebê, quando os pais determinam que, se for menina, será bonita, afetuosa e dedicada ao lar e, se menino, será um agricultor, um profissional bem sucedido. A psicologia atesta que a partir dos três anos de idade, a criança já assimila modelos sociais de comportamento adequados ao seu sexo.

A educação informal acentua as diferenças nas famílias do meio rural: as mulheres parecem não se expressar da mesma forma que os homens; nas atividades extraclasse (Dall’Alba, 2001, p.33), os meninos recebem dos pais maior atenção que as meninas; os meninos precisam de um futuro profissional, as meninas precisam arranjar um bom casamento; a mãe é a rainha do lar; o pai é quem sustenta a família.

Para que se possa entender com maior clareza como se processa o estabelecimento das identidades de gênero delineadas acima, talvez seja útil recorrer à construção social do masculino e do feminino na visão de Pierre Bourdieu.

2.2.1 A construção social das identidades de gênero

Quando abordamos as identidades de gênero no sentido de entender as relações entre o masculino e o feminino, encontramos esquemas de pensamento universalizados. Diante da dificuldade de desconstruir algo “naturalizado” pela sociedade, podemos pelo menos tentar compreender porque isso acontece para assim começar, talvez, a diminuir as diferenças. A constituição biológica do homem e da mulher é, possivelmente, a diferença mais marcante, de acordo com Bourdieu (1999, p.17): “A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável”, e essa divisão, segunda ele, está presente e objetivada nas coisas, nos objetos, no inconsciente e em todo o mundo social.

A divisão entre o masculino e o feminino parece estar cristalizada e incorporada nas relações humanas, funcionando como um esquema cognitivo que é fortalecido pela experiência e pelas ações repetidas, processo que está ligado ao conceito de *habitus*, desenvolvido por Bourdieu e discutido brevemente a seguir.

Vem de Aristóteles o entendimento de que o hábito é um saber aprendido, observado e experimentado sensorialmente. O modelo aristotélico propõe uma ênfase sobre a singularidade de trajetória de cada indivíduo no meio social a que pertence. Segundo Barros Filho (2003, p.63), o habitual pode ser entendido como “o caráter único de cada espetáculo perceptivo, sobre a consagração repetida de modelos em múltiplas e ininterruptas experiências sensoriais”.

A compreensão de hábito difere, no entanto, de potência natural na concepção do próprio Aristóteles, pois esta não pode ser submetida a nenhuma transformação. Barros Filho explica que, para Aristóteles, o homem possui um certo número de potências naturais, próprias para cada uma das partes da alma, e que estas potências se manifestam a partir da geração. Ele exemplifica:

A potencia de estirar alguns músculos da perna esticando o joelho já existe no útero materno; a potencia de ver se exerce plenamente desde a tenra infância e não é suscetível de progredir, podendo ser enfraquecida por outros fatores naturais, como velhice ou a doença. A potencia de gerar, em compensação, desenvolve-se só após a maturação, na puberdade (2003, p.65).

Percebe-se, dessa forma, que o hábito se difere da potência natural por ser uma capacidade adquirida, que vai se produzindo de forma gradual e que pode ser compreendido como repetição ou conhecimento repetido pelo fato de ter sido vivido, ter constituído uma experiência de vida, sendo assim diferente do conhecimento sensível, aquele que fica no nível das sensações (Barros Filho, 2003).

As unidades sociais sugeridas por Bourdieu (1999, p.17) podem ser categorizadas em estruturas sociais e estruturas cognitivas, essas últimas abraçando áreas que tratam da constituição do indivíduo, das formas de conhecer, do curso natural do mundo e das experiências. Parece necessário que essas áreas de estudo contemplem as representações formadas pelo discurso e pela ideologia, quase sempre manifestadas de maneira inconsciente e intencional.

Entre as estruturas, a que tende a dominar todas as outras é a ordem social, comparada por Bourdieu a uma 'imensa máquina simbólica', onde estão representados, como fatores naturais, a divisão do trabalho e das atividades, e as atribuições de valores a espaços pertencentes a um ou a outro sexo. É nesse mundo social que se manifesta com naturalidade a dominação masculina. Um simbolismo criado pelas estruturas sociais que parece ser mais forte que uma simples convenção está incorporado na percepção do mundo social, assim como a as diferenças biológicas ou anatômicas que promovem a divisão entre os sexos.

Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação escritas ao mesmo tempo na objetividade, sob a forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob a forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas (Bourdieu, 1999, p.20).

A relação circular descrita por Bourdieu pode ser entendida como a legitimação da visão androcêntrica concretizada no meio social por suas próprias práticas. As experiências repetidas consciente ou inconscientemente favorecem a

dominação masculina, ao mesmo tempo em que incorporam preconceitos ao sexo feminino de tal maneira que as mulheres, sem alternativas, terminam por aceitar a submissão. A dominação parece mais marcada quando na divisão do trabalho, por exemplo, a mulher passa a aceitar tarefas tidas pelos homens como desvalorizadas, de uma certa forma impostas pela estrutura social. As atividades mais valorizadas são esquematizadas por pensamentos e ações da sociedade e essas parecem ser prioridade dos homens. As bases para atribuição de valores às atividades podem ser determinadas pela divisão sexual do trabalho, produção e reprodução biológica e social, representando uma desigualdade construída pelo esquema do *habitus* e que passa a ser um tipo de violência simbólica contra a mulher.

Embora não respaldado pela produção e reprodução histórica das instituições sociais (igreja, escola, família, Estado) Bourdieu (1999, p.46) argumenta que as estruturas de dominação não são eternas e invariáveis, podendo ser modificadas na medida em que as mulheres (ou outros grupos oprimidos) passem a não aceitar tais conceitos naturalizados pela sociedade. Qualquer movimento no sentido de uma mudança nas relações sociais de gênero requer uma avaliação dos esquemas de percepção compartilhados por homens e mulheres, onde a *priori* o homem é percebido externamente como superior.

A superioridade simbólica atribuída ao masculino pode exercer mais poder sobre os corpos, sobre o sexo, sobre a natureza biológica e anatômica de homens e mulheres, do que a força física propriamente dita. Entre dominantes e dominados em geral, a violência pode vir de ações às vezes inconscientes, todavia efetivas ao mexer com as emoções do indivíduo. E esta é provavelmente a motivação de que os movimentos sociais precisam para enfrentar os esquemas, as estruturas enraizadas e naturalizadas.

2.2.2 Gênero e meio ambiente

Finalmente, antes de passarmos a considerações sobre o discurso e sua análise, parece-nos interessante examinar a relação entre gênero e meio-ambiente, preocupação que vem recebendo uma atenção cada vez maior por parte dos estudos feministas.

Abordar o meio ambiente implica fazer relação com o desenvolvimento sustentável. Temas relacionados a conservação do solo, preservação dos recursos hídricos, problemas de contaminação da camada de ozônio, uso indiscriminado de

produtos químicos parecem estar sempre no foco da mídia e talvez por isso vêm se constituindo em preocupações de organismos internacionais.

Mesmo sendo considerado por parte da imprensa e ambientalistas como um assunto relevante ao desenvolvimento sustentável, na visão de Castro e Abramovay (1997, p.17) o tema tem sido abordado em uma perspectiva puramente biológica, sem considerar as relações que homens e mulheres, em suas diferentes formas de organização, mantêm junto ao meio ambiente. Os movimentos sociais, segundo Van Der Schaaf (2003, p.13), possuem como principal referência o estudo da vida diária, sendo no âmbito das tarefas cotidianas do trabalho rural que se produzem os significados culturais.

O meio ambiente, considerado como principal espaço de trabalho da população camponesa, determina diferenças culturais quanto à divisão de tarefas. No estudo de Brumer (2004, p.6), que trata entre outros temas da divisão do trabalho por sexo, uma pesquisa realizada em Cruzeiro do Sul/RS, pelas pesquisadoras Anita Brumer e Nádia Maria Schuch Freire, aponta as seguintes relações de trabalho entre homens e mulheres: cabe ao homem geralmente a exclusividade de realizar serviços que exigem força maior força física (lavar, cortar lenha, fazer curvas de nível, derrubar árvores e fazer cerca, dirigir tratores e maquinários mais sofisticados; à mulher cabem atividades mais rotineiras, ligadas à casa e ao serviço mais leve (todas as atividades domésticas, trato com os pequenos animais, ordenha das vacas, cuidados com o quintal, a horta, o pomar e o jardim).

Nesse estudo, o trabalho tido como mais “pesado” parece ser mais valorizado, pois geralmente é mais bem remunerado. Brumer salienta que o conceito de “pesado” e “leve” é relativo, pois se encontra culturalmente determinado no meio rural. Ela diz que (2004, p.7) “a mulher executa tanto trabalhos ‘leves’ como trabalhos ‘pesados’ (como trabalhar na colheita dos produtos agrícolas, carrega os filhos e buscar água em lugares distantes do domicílio)”.

Assim, os movimentos sociais, ao que parece, têm o dever de levar essas informações para aqueles que possuem o poder de decisão, provavelmente os governos, para que estes possam considerar as relações de trabalho no meio rural em projetos futuros. Os temas relacionados à agricultura, aos recursos naturais e ao meio ambiente vêm sendo considerados na esfera mundial, pelas Nações Unidas, mídia e setores da sociedade civil, como objeto de ações em políticas públicas, principalmente nos países latino-americanos em desenvolvimento. O Estado nos três

níveis, entendido como governo municipal, estadual ou nacional, vem desenvolvendo ações com a finalidade de preservar a natureza e minimizar problemas que afetam a sustentabilidade do meio rural e das pessoas que nele vivem.

De uma certa forma esse discurso conservacionista parece ultrapassado. Para Castro (1997, p.18), o que também deve ser levado em consideração durante a formação de políticas públicas são as características do público e as relações desenvolvidas entre eles. A não compreensão das formas de manifestações culturais, históricas e ideológicas de uma comunidade afeta a constituição dos indivíduos. A autora propõe relacionar as análises sociais com as questões ambientais, como forma de compreender os processos naturais que estão relacionados com a ação humana. O modelo capitalista, segundo Abramovay (apud Castro, 1997), vai contra a sustentabilidade do sistema.

Os modelos de desenvolvimento existentes afetam de maneira diferente o cotidiano de homens e mulheres, já que o padrão de desenvolvimento existente não é nem sustentável, nem igualitário. Para melhorar a condição do ser humano na sociedade, é importante desentranhar as estruturas de poder nas quais estamos imersos (Castro, 1997, p.18).

Diante da dificuldade que o modelo atual de desenvolvimento impõe a grande parte da sociedade brasileira, talvez uma das alternativas seja a de valorizar as questões locais. O primeiro passo pode ser o respeito às diferenças e a valorização do que está mais próximo da cultura de cada grupo.

Para um modelo diferenciado de desenvolvimento julgamos necessário escutar as vozes dos atores sociais envolvidos, considerando cada um, homens e mulheres, de forma igualitária e sem discriminação. O centro deste enfoque deve ser baseado na vivência e na experiência dos indivíduos, a fim de construir um modelo participativo que tenha como objetivo a sustentabilidade.

Porém, a maneira como os formadores de opinião se comunicam com os grupos sociais formados por homens e mulheres do meio rural, pode influenciar o entendimento das questões ambientais e formar barreiras que impossibilitem o possível desenvolvimento sustentável. Segundo Castro (1997), existem Organizações Não Governamentais (ONGs) do tipo ambientalista e desenvolvimentista. A autora alerta:

Quanto mais alto o nível de abstração do discurso, em termos de princípios, maior a concordância e o acento em direitos humanos, democracia e modelos de sociedade, sugerindo que alguma orientação ética e por desenvolvimento sustentável propiciaria trânsitos comunicacionais, diálogos, considerando objetivos comuns (1997, p.98).

Ao que parece o discurso ideológico e regrado não favorecem o desenvolvimento das potencialidades humanas. Os resultados do trabalho de Castro (1997) sobre gênero e meio ambiente apontam para algumas tendências: “quanto a temas acentuados, com marcas de gênero, não restrito ao sexo dos informantes, mas à tônica de seus discursos, como uma preocupação com as relações sociais de poder entre os sexos e as divisões sexuais de poder”, isto é, divisão entre os sexos quanto ao trabalho, lazer e até mesmo no prazer.

A autora afirma que na prática quanto mais próximo do dia-a-dia, das questões concretas, “mais se perfilam identificações temáticas por gênero, modos de olhar o meio ambiente”. As mulheres em seus movimentos referem-se às questões ligadas a terra, a casa, a exploração do corpo (turismo sexual), também a desejos (sexualidade), condições de trabalho (no sentido não produtivo), fazem referências à dignidade, respeito e auto-estima. Já na fala dos movimentos ambientalistas relacionados a ONGs aparecem preocupações com a população pobre e sua sobrevivência econômica, as formas de uso da terra e problemas com a degradação ambiental. Ainda segundo Castro (1997, p.99), “Há uma maior especificação ecológica/agrícola entre aqueles em ONGs ambientalistas e desenvolvimentistas”.

2.3 Discurso

Durante a segunda metade do século XX, sob influência dos movimentos sociais surgidos no mundo ocidental, também a lingüística, até então preocupada exclusivamente com a língua como sistema formal, passa a contemplar o processo pelo qual as pessoas se relacionam através da linguagem. Os trabalhos de Michel Foucault e de seus contemporâneos foram fundamentais para que se desenvolvessem correntes teóricas que têm no discurso, visto como linguagem em uso, sua preocupação principal.

Trabalhos de lingüística aplicada passam a sugerir novas teorias de linguagem, em que a concepção autônoma e formalista cede lugar a uma proposta de linguagem que possui como produto principal os fatores culturais e sociais. Uma

dessas alternativas, a lingüística social, é sugerida por Günther Kress (apud Pedro, 1997, p.53). Trata-se de uma compreensão da linguagem baseada nos conhecimentos, na área da psicologia, de estruturas mentais e esquemas cognitivos. Nessa concepção existe a necessidade de que todos os campos (psicolingüística, lingüística cognitiva e lingüística aplicada) sejam contemplados, permitindo assim, além encontrar explicações para a linguagem, entendê-la enquanto produção cultural e social.

Uma teoria social da linguagem parece fundamental, pois a descrição formal da lingüística reduz o entendimento. As categorias sugeridas por Kress possibilitam uma visão da história lingüística, das mudanças relativas aos vários tipos de poder individual e das instituições. Conforme Pedro (1997, p.55), “Isso demonstra a importância do texto como meio, local e registro de interações locais, constatações e resoluções (mais ou menos temporárias), e o efeito dessas na linguagem”.

Dessa maneira, pode-se perceber a importância da palavra no texto e os vários sentidos que esta pode produzir, pois se levarmos em consideração o outro, para quem estamos falando, o significado da palavra torna-se diferente. Parece claro que ao falar, por exemplo, “eu te amo”, o significado é diferente para cada pessoa, dependendo de quem fala, para quem se fala e em que situação ou contexto se está falando. O significado é construído pelo eu e pelo outro.

A partir dessas constatações fundamentais, começam a surgir diferentes abordagens aos estudos da linguagem. Em seu livro *Discurso e mudança social*, publicado em 1992 e traduzido para o português em 2001, Norman Fairclough reconhece uma divisão dessas abordagens em dois grupos básicos: as “não-críticas” e as “críticas”. O que difere um grupo do outro não é apenas a descrição das práticas discursivas, mas a fundamentação das últimas na crença de que o discurso é moldado por relações de poder e por ideologias, tendo efeitos construtivos sobre as identidades sociais.

Mesmo uma abordagem não-crítica, segundo Fairclough, pode assumir a heterogeneidade do discurso, refletindo as contradições e pressões de determinadas situações de uso da linguagem. É o caso, por exemplo, da análise da conversação, desenvolvida por um grupo de sociólogos que se autodenominaram ‘etnometodologistas’, e que focaliza o cotidiano da vida.

A análise do discurso como método na psicologia é mais uma abordagem não-crítica discutida por Fairclough. Esta mostra como a análise do discurso pode

ser usada para estudar questões abordadas de maneira tradicional por outros métodos e levanta a questão da forma e do conteúdo do discurso.

Em relação à lingüística crítica, Fairclough (2001, p.47) comenta que esta tentou compreender estruturações, os fundamentos sociais na organização dos sentidos comportamentais nos textos, baseando-se no trabalho da 'gramática sistêmica' para a análise textual e também em outros conceitos e teorias. O mais importante, entretanto, é que foi a lingüística crítica que abriu caminho para a constituição da Análise Crítica do Discurso, uma das várias correntes disciplinares dos estudos do discurso surgidas na segunda metade do século XX.

A relação entre linguagem e discurso nem sempre é fácil de explicar. Segundo Pedro (1997, p.19), "há os que olham o discurso como um momento do uso lingüístico e, por outro, os que consideram o uso lingüístico como um momento no discurso". Mas, embora existam grandes diferenças entre as várias correntes da análise do discurso, em termos gerais podemos dizer que todas elas têm como preocupação central a linguagem como uma prática social de construção do sujeito na qual a dimensão ideológica e política é fundamental. Para Emília Pedro, "É, de alguma maneira, essa dimensão ideológica na construção do sujeito e, por consequência, na constituição do discurso que fundamentam as diferenças da Análise Crítica do Discurso relativamente a outras abordagens" (p.20).

Para Eni Orlandi (2000), cujos trabalhos têm como base as teorias do pensador francês Michel Pêcheux, o estudo da Análise do Discurso procura compreender a língua enquanto trabalho simbólico, como parte do social geral constitutivo do homem e de sua história. A linguagem é usada pela Análise do Discurso como mediação entre a realidade natural e social. Pode se dizer que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua.

O discurso diferencia-se do esquema elementar de comunicação, onde aparece o emissor transmitindo a mensagem para o receptor. No lugar da palavra *mensagem* a autora sugere *discurso*, pois o emissor e o receptor realizam ao mesmo tempo o processo de significação. O discurso é feito de sentidos entre os locutores. Assim supõe-se que o inconsciente pode se estruturar como uma linguagem. Nas várias abordagens de Análise do Discurso, consideramos que a ideologia se materializa na linguagem. Ela faz parte do funcionamento da linguagem.

2.3.1 A Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica do Discurso (ACD) surgiu a partir da lingüística crítica, postura teórica desenvolvida na Inglaterra através do trabalho de Fowler et al. (1979) e de Kress e Hodge (1979), segundo Fairclough (2001, p.46), na tentativa de juntar um método e uma teoria, ou seja, a análise lingüística textual e a teoria social do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideológicos. A ACD rejeita os 'dualismos' na teoria que favorecem os sistemas autônomos, a separação entre o 'conteúdo' e 'forma'. Na visão de Pedro (1997, p.20), os lingüistas críticos, ao quebrarem com a concepção dominante da chamada lingüística autônoma ou de sistema, proporcionam, juntamente com os semióticos sociais, as bases para o projeto teórico da ACD.

Como já apontado anteriormente, para a análise do discurso, torna-se necessário compreender os contextos sociais do uso lingüístico, e entender o uso da linguagem dentro das estruturas sociais e ideológicas que organizam a sociedade. Na Análise Crítica do Discurso (ACD), encontramos um processo analítico que julga os seres humanos a partir da sua socialização, e as subjectividades humanas e o uso lingüístico como expressão de uma produção realizada em contextos sociais e culturais, orientados por formas ideológicas e desigualdades sociais. O entendimento que encontramos explicitados remete para a consideração dos seres humanos como socializados e das subjectividades humanas e do uso lingüístico como produzidos no seio de contextos sociais e culturais, contextos em que predominam formas ideológicas e desigualdades sociais (Pedro 1997, p.21).

Parafraseando a autora, podemos dizer que a tarefa da ACD é a de estudar como funcionam as visões de mundo e as circunstâncias em que as coisas são ditas, especificamente no que concerne ao discurso, à ideologia e à sociedade (Pedro 1997, p.22).

Como uma prática social, portanto, o discurso não está desvinculado de relações de poder e de desigualdade. Assim, um dos objetivos da ACD é o de analisar e revelar o papel do discurso na produção ou reprodução da dominação, aqui entendida como exercício do poder social das instituições, grupos e elites, resultando em uma desigualdade social que pode levar à construção da diferença e da discriminação (Van Dijk, apud Pedro, p.25). Cumpre ressaltar, entretanto, que apesar de seu caráter interdisciplinar e de sua preocupação com as relações sociais,

a ACD é uma disciplina que se debruça sobre a prática discursiva (linguagem em uso) e que tem na materialidade lingüística seu objeto mais imediato de análise.

Mas, conforme aponta Fairclough (2001, p.90), é preciso considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não apenas como uma atividade puramente individual ou mesmo como uma variável de reflexos situacionais. Ele aponta pelo menos três razões para isso: a primeira é que o discurso é um modo de ação, são as pessoas agindo sobre os outros e sobre o mundo, e também um modo de representação; a segunda razão é que há uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social; a terceira, que é para Fairclough uma condição e um efeito das primeiras, é que o discurso é moldado e restringido pela estrutura social em todos os níveis e no mais amplo sentido, recebendo o molde da classe e de outras relações sociais em um nível societário, encontrado nas relações mais específicas de instituições particulares.

Assim, a prática discursiva contribui para reproduzir ou para transformar as identidades sociais (função identitária), as relações sociais (função relacional), e os sistemas de conhecimento e crenças (função ideacional), ou seja, pode reproduzir a sociedade ou transformá-la. Diz Fairclough (2001, p.92), como exemplo, "as identidades de professores e alunos e as relações entre elas, que estão no centro de um sistema de educação, dependem da consistência e da durabilidade de padrões de fala no interior e no exterior dessas relações para a sua reprodução".

2.3.2 O texto no modelo tridimensional de Fairclough

Embora reconhecendo que não há uma nítida divisão ou separação entre os aspectos formais, discursivos e sociais de um texto, e enfatizando que "qualquer tipo de aspecto textual é potencialmente significativo para a análise do discurso" (2001, p.102), Fairclough propõe, para fins práticos de análise, um modelo que contempla essas três dimensões como categorias distintas.

A primeira categoria é a *prática textual*, cuja análise pode vir organizada em quatro itens: 'vocabulário', 'gramática', 'coesão' e 'estrutura textual', imaginados em uma escala ascendente (2001, p.103): "o vocabulário trata principalmente das palavras individuais, a gramática das palavras combinadas em orações e frases e a estrutura textual trata das propriedades organizacionais de larga escala nos textos". Outra categoria reconhecida por Fairclough (2001, p.106) é a *prática discursiva*, que envolve processos de produção, distribuição e consumo textual,

sendo que a natureza desses processos pode variar entre diferentes tipos de discurso levando em consideração os fatores sociais uma vez que os textos são produzidos de formas particulares e em contextos sociais específicos. Como exemplo cita a produção conjunta de um artigo de jornal, onde pode haver envolvimento de vários produtores em estágios diferentes de produção envolvidos em rotinas complexas. Esses textos também são consumidos por pessoas em diferentes contextos sociais, o consumo da produção podendo se dar individualmente ou de forma coletiva.

A terceira categoria reconhecida por Fairclough diz respeito ao discurso como *prática social*, em sua relação com a ideologia e o poder. Recorre às contribuições clássicas de Althusser, Fairclough propõe três importantes asserções sobre a ideologia: primeiro, que a ideologia possui existência material nas práticas das instituições, abrindo caminho para investigar práticas discursivas como formas materiais de ideologia; segundo, que a ideologia interpela os sujeitos e causa importantes 'efeitos ideológicos', ignorados até recentemente por lingüistas; terceiro, que os 'aparelhos ideológicos do estado' (instituições como a educação e a mídia) são ambos locais e delimitadores na luta de classe.

A partir dessas bases teóricas, Fairclough propõe uma **análise textual** em que qualquer aspecto possui potencial importância para o discurso. Embora seja um processo complexo, pela abrangência de recursos da língua, para fins de análise, Fairclough propõe quatro estágios complementares: estudar as palavras individuais através do 'vocabulário', a combinação dessas em frases e orações pela 'gramática', a ligação entre as frases e orações e suas propriedades organizacionais por meio da 'coesão' e da 'estrutura textual'. Na análise textual as categorias podem ser ligadas às formas lingüísticas, orientadas quanto ao sentido, ou ainda de modo conjunto, já que não se reconhece uma clara distinção entre forma e significado.

A **análise discursiva** é entendida como um método analítico de observação de como o texto é consumido pelos indivíduos. Para Fairclough (2001, p.107), como vimos, "os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos". Além disso, o texto é consumido de diferentes formas de acordo com os diversos contextos sociais. Assim, o discurso é uma via de mão dupla, trazendo sempre o sentido de sua produção e de sua interpretação, pelo fato de os indivíduos trazerem as marcas impostas pelas estruturas sociais em que se situam. Para

Fairclough (2001, p.109), a análise do discurso explora as restrições e as conexões existentes na natureza dos processos discursivos.

A **análise da prática social** é a terceira dimensão da teoria tridimensional proposta por Fairclough. Aqui se destaca a ênfase ao discurso e sua relação com a ideologia e o poder, e com a luta hegemônica proposta por Antonio Gramsci. Sem entrar numa discussão detalhada desses aspectos, o importante é ressaltar a relação dialética entre discurso e prática social, enfatizando o primeiro como uma prática que pode (embora nem sempre o faça) modificar a realidade social de que é parte.

Como em nossa análise da produção escrita de jovens estudantes da área rural (Capítulo 3) optamos por focalizar a escolha lexical (adjetivos), a modalidade e a transitividade, cumpre tecer algumas considerações sobre esses tópicos a partir do ponto de vista dos estudos do discurso.

Para Fairclough, o vocabulário, ou escolha lexical, deve ser investigado a partir das diferentes práticas institucionais, valores, conceitos e perspectivas, pois as palavras possuem valor limitado quando o significado fica restrito ao 'dicionário'. Discutindo o estabelecimento de verbetes para dicionários, Fairclough aponta que as concepções geralmente assumem que: "(i) o significado potencial é estável; (ii) o significado potencial é universal, no sentido de ser comum a todos os membros da comunidade de fala; (iii) os significados no interior do significado potencial de uma palavra são descontínuos, isto é, claramente demarcados entre si; e (iv) os significados no interior do significado potencial de uma palavra estão em uma relação de complementaridade (ou, ou um com o outro), e são mutuamente exclusivos" (2001, p.230-231). Tais relações são ilusórias, comenta o autor, uma vez que o significado vem dos textos em que as palavras são empregadas, textos esses que contribuem para desestruturar e reestruturar os significados potenciais das palavras.

Para fins de análise podemos, segundo Fairclough (2001, p.105), encontrar três focos: o primeiro trata das lexicalizações alternativas e suas significações políticas e ideológicas; o segundo foco é atribuído às disputas de sentidos dentro de conflitos ideológicos mais amplos; e o terceiro foco trata das metáforas e suas implicações. Presentes em todos os tipos de linguagem e em todos os discursos, as metáforas permitem que os produtores signifiquem de uma maneira e não de outra, assim construindo realidades diferentes. Embora algumas metáforas pareçam ser

naturalizadas e fazer parte da linguagem ou de uma cultura em particular, sendo usadas sem perceber, Fairclough (2001, p.241) ressalta que “As metáforas estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental”.

Quanto à modalidade, convém destacar que para a ACD essa categoria permite avaliar a afinidade e o grau de comprometimento que se tem com a proposição. Assim, a modalidade pode ser ‘subjativa’ quando o grau de afinidade com a proposição é explicitado. Ela será ‘objetiva’ quando a base subjativa encontra-se implícita no texto e o falante projeta seu ponto de vista como universal. Para Fairclough (2001, p.200), é através da fala ou pela escrita que o falante ou produtor manifesta o grau de comprometimento com suas proposições, podendo esse ser de alta afinidade ou baixa afinidade. Essa afinidade pode demonstrar ainda o poder ou a falta dele, solidariedade, convicções, e conhecimento ou desconhecimento da realidade social. A modalidade pode ser realizada através dos tradicionais ‘verbos auxiliares modais’, de advérbios e locuções adverbiais, e mesmo dos tempos verbais empregados

Finalmente, quanto à transitividade, é importante salientar que, para Fairclough, é necessário conhecer os tipos de processos que são codificados em orações, assim como os tipos de participantes envolvidos (elementos em orações), para uma melhor compreensão do que está por detrás das escolhas lingüísticas. Diz ele:

Uma motivação social para analisar a transitividade é tentar formular que fatores sociais, culturais, ideológicos, políticos ou teóricos determinam como um processo é significado num tipo particular de discurso (e em diferentes discursos), ou num texto particular (Fairclough, 2001, p.223).

Os principais tipos de processos capazes de trazer significados para o discurso através da transitividade são descritos por Fairclough (2001, p.223) como: ‘**ação**’ ou ‘**evento**’, ‘**relacional**’ e ‘**mental**’.

O processo que determina ‘**ação**’ pode ser entendido como aquele em que se age em direção a um objetivo, podendo ser uma ‘ação dirigida’, quando se caracteriza como uma oração transitiva (sujeito – verbo – objeto); ou ‘não-dirigida’, quando o objetivo está implícito (sujeito – verbo), geralmente orações intransitivas. Nesse segundo caso, os processos são considerados ‘**evento**’. Os processos

relacionais descritos por Fairclough relacionam-se a “ser, tornar-se ou ter (posse)” (2001, p.224). Já os processos **mentais** são cognitivos, perceptivos e afetivos, sendo exemplificados por verbos como “saber”, “pensar”, “ouvir”, “notar”, “gostar” ou “temer”. Tais processos geralmente se manifestam em orações transitivas.

A transitividade está presente na organização das experiências que se configuram em uma série de ações e acontecimentos, e que são divididos pela gramática da oração. Na verdade, Fairclough se utiliza do modelo da gramática sistêmico-funcional de M.A.K. Halliday (2004, p.168), para quem a experiência pode ser aquilo que acontece no mundo externo ou o que acontece no mundo interno, ou seja, a experiência processada em nossa mente. Os processos do mundo externo ele chama de **materiais** e a experiência interna de **mentais**. A meio caminho entre esses, encontram-se os processos **relacionais**, ou seja, aqueles que generalizam, classificam, identificam, relacionando uma parte da experiência a outra.

Entendemos que os tipos de processos reconhecidos por Fairclough e por Halliday podem nos auxiliar na análise que empreenderemos a seguir.

3 ANÁLISE

Conforme explicitado no Capítulo 1, os 30 textos produzidos pelos estudantes do meio rural de Pelotas foram analisados por cinco professores. A partir das razões apontadas para caracterizar os textos como femininos ou masculinos (ver Anexo 4), selecionamos as mais freqüentes, por gênero, que apresentamos a seguir em ordem decrescente.

Marcas atribuídas aos textos femininos

- 1) Uso de adjetivos ou de muitos adjetivos – 8 vezes
- 2) Sensibilidade, sentimento – 5 vezes
- 3) Preocupação com a natureza – 5 vezes
- 4) Uso da terceira pessoa (nós), forma inclusiva de expressão – 6 vezes
- 5) Preocupação com a limpeza, higiene e lixo – 5 vezes
- 6) Preocupação com a família, saúde – 4 vezes
- 7) O ser humano mais importante que o dinheiro – 3 vezes
- 8) Sinais de religiosidade, espiritualidade e misticismo – 3 vezes
- 9) Uso da poesia, eufemismo, harmonia agradável – 3 vezes
- 10) Faz pedido, apelo, não manda, não ordena (submissão feminina) – 2 vezes
- 11) Mais imaginação, sonhos – 2 vezes
- 12) Preocupação com o alimento – 1 vez
- 13) Linguagem clara – 1 vez
- 14) Frase conclusiva no final – 1 vez
- 15) Uso de vocativo “pessoal” – 1 vez
- 16) Expressão casa – 1 vez

Marcas atribuídas aos textos masculinos

- 1) Direto ao problema, objetivo, ênfase em resultados e conseqüências – 4 vezes
- 2) Sem emoções, falta de imaginação, realista, frieza na análise – 4 vezes
- 3) Texto sem adjetivos ou com poucos adjetivos – 4 vezes
- 4) Atitudes que indicam dominação – 3 vezes
- 5) Referência a lugares onde trabalham homens (fábrica, lavoura) – 3 vezes
- 6) Uso do gênero masculino (os produtores, os agricultores, o homem) – 2 vezes
- 7) Uso da terceira pessoa do singular (ela) – 2 vezes
- 8) Texto com único parágrafo – 1 vez
- 9) Argumenta mais do que faz – 1 vez
- 10) Dificuldades na concordância – 1 vez
- 11) Falta de pontuação – 1 vez
- 12) Domínio do assunto – 1 vez
- 13) Falta expressão pessoal – 1 vez
- 14) Faz aconselhamentos – 1 vez

Uma rápida leitura das características enumeradas acima nos leva a duas importantes considerações preliminares: (1) predominam, por parte dos professores, generalizações intuitivas que reforçam as características atribuídas pelo senso comum ao masculino e ao feminino; (2) as poucas marcas formais apontadas se restringem ao uso do adjetivo, ao emprego dos pronomes (muitas vezes identificados erroneamente) e às supostas dificuldades que o sexo masculino teria ao escrever (faltas e problemas não foram apontados para estudantes do sexo feminino).

Seguindo a abordagem de Norman Fairclough (2001, p.275), segundo a qual não existe um procedimento fixo ou pré-determinado para se proceder à análise discursiva, pois “as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso”, decidimos “traduzir” o que foi apontado em marcas mais caracteristicamente lingüísticas com o intuito de podermos avaliar se há efetivamente um respaldo textual para as diferenças apontadas.

Convém lembrar que para a ACD o texto é tanto traço quanto pista de processos discursivos dentro de práticas sociais mais amplas, e que o discurso do analista (e em nosso caso também o dos professores identificadores) é construído pela interpretação e pelo relacionamento com os processos discursivos e com processos sociais mais amplos.

Feitas essas ressalvas, decidimos por agrupar as “marcas” apontadas em três aspectos principais:

1. presença/ausência/quantidade de adjetivos;
2. maior sensibilidade, sentimento, sonho e imaginação para as mulheres e de objetividade, realismo e falta de emoção para os homens;
3. campos semânticos relacionados com a oposição público/privado, o mundo do trabalho e das relações extra-familiares e o mundo da “casa”.

Para verificar as evidências, elegemos o emprego e os tipos de adjetivos, a modalidade e a transitividade. E voltamo-nos, então, para os textos dos alunos.

3.1 Usos e tipos de adjetivos

Na análise textual proposta por Fairclough, o vocabulário trata principalmente das palavras individuais, porém deve-se levar em conta que existem “muitos vocabulários sobrepostos e em competição, correspondendo a diferentes domínios, instituições, práticas, valores e perspectivas” (2001, p.105).

Como vimos, a sensibilidade, o sentimento, o sonho e o amor à natureza foram as marcas ou pistas que mais apareceram na análise feita pelos professores ao identificar o sexo feminino, em oposição à objetividade, ao realismo e à ausência de emoções no texto masculino. Esta é uma percepção empírica que vale considerar pelo conjunto, mas que não encontra respaldo científico, embora historicamente alguns trabalhos tenham tentado apontar a biologia como determinante de diferenças entre mulheres e homens. Por exemplo, segundo Knibiehler (apud Hérítier, 1996, p.211), no discurso científico e médico de Julien Virey, ainda no século XIX, a mulher teria “uma sensibilidade delicada devido aos seus tegumentos leves e finos e uma ramificação mais intensa que os nervos e vasos sanguíneos intradérmicos no homem”, o que poderia explicar sua suposta aptidão para o prazer, para os cuidados com os filhos e o lar, ou seja, a *preocupação com a família*, uma das marcas também encontradas. Mas, embora muitos outros estudos tenham sido

realizados, mais recentemente com relação ao cérebro, nada de definitivo ficou estabelecido nesse sentido.

Se a biologia não consegue justificar com clareza se o sexo feminino possui sensibilidade delicada, mais sentimentos, aptidão para o prazer, cuidados com os filhos e a preocupação com a família, talvez isso possa ser investigado pela história. As mensagens escritas por jovens rurais pertencem a uma fala, uma fala que foi interpretada pelos professores. Segundo Barthes (2001, p.133), “o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, o esporte, os espetáculos, a publicidade, tudo isso pode servir de suporte para a fala mítica”, entendida como um modo de significação construído dentro de limites históricos. Tais afirmativas que identificam condições do sexo feminino estão enraizadas na sociedade há centenas de anos, e por certo possuem algum significado. Na busca de uma significação para a fala mítica, Barthes (2001, p.133) diz que é necessário recorrer à semiologia, à ciência das formas.

Outros valores identificados no texto dos jovens rurais atribuíram ao sexo masculino a *referência a lugares onde trabalham homens (fábrica, lavoura)*, talvez por serem espaços tradicionalmente ocupados pelos homens, um tipo de trabalho mais rude e que de uma certa forma poderia se contrapor à pista de preocupação com a casa e com a família, identificada como feminina. Isso também não significa que aqueles que trabalham em fábricas ou na lavoura seriam destituídos de sentimentos e sensibilidade.

Retomando os textos produzidos pelos jovens da área rural, podemos verificar que tais observações, que serviram como marcas para identificar o sexo masculino ou feminino podem ser comparadas a um mito, algo construído ao longo da história, mas que na prática nem sempre se confirma, pois atualmente as mulheres estão nas fábricas e no campo tanto quanto os homens. Da mesma forma, os homens freqüentemente demonstram sensibilidade e sentimentos de amor à natureza, como no caso de repercussão internacional do ambientalista brasileiro, Chico Mendes, que morreu em defesa da Amazônia. O que a percepção dos professores confirma é que o mito (Barthes, 2001, p.133) tem a função de transformar uma situação histórica em algo natural, uma contingência em algo perene.

E talvez seja apropriado lembrar aqui que o mito está muitas vezes associado ao preconceito e à ideologia, pois esses são, segundo Bagno (2000, p.48), inerentes ao ser humano:

Me parece, portanto, impossível dissociar preconceito de ideologia. Talvez se possa até arriscar ver na relação ideologia-preconceito uma hiperonímia: os diversos preconceitos (racial, sexual, etário, linguístico, religioso, de classe, de origem geográfica etc.) que imperam no “senso comum” são hipônimos da ideologia dominante, assim como os mitos que os conformam são hipônimos desses preconceitos.

A repetição de marcas encontradas por professores ao analisarem os textos produzidos por jovens do meio rural de uma certa forma confirmou alguns mitos de gênero atribuídos à fala do homem e da mulher, marcas que parecem estar enraizadas na cultura, seja em comunidades urbanas ou rurais.

Uma das pistas mais fortes, tanto no texto masculino quanto no feminino, foi a percepção empírica dos professores quanto ao maior uso de adjetivos por mulheres, e menor por homens. O uso de adjetivos como marca da fala feminina apareceu oito vezes e, na análise do texto masculino, apareceram quatro referências ao fato de que o homem se utiliza de poucos adjetivos.

Segundo o Dicionário Aurélio, adjetivo é entendido como “Palavra que caracteriza os seres ou objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhes uma qualidade, caráter, modo de ser, ou estado. Ex: Casa *boa*, pessoa *caridosa*, céu *nublado*”. Embora essa definição seja entendida com relativa clareza, Perini (1995, p.321) a põe em xeque, dizendo que as classes denominadas como *substantivo* e *adjetivo* têm limites muito pouco claros: “É fácil distinguir formalmente um substantivo de um verbo, ou um adjetivo de um verbo; mas a separação entre substantivos e adjetivos é tão pouco marcada que há razões para duvidar da existência de duas classes distintas”. Não obstante, para Ferreira (1992, p.100), as definições parecem claras: adjetivo “é a palavra que atribuí qualidades, características ou estados aos seres”. Assim, uma locução adjetiva, expressão formada, em geral, por uma preposição e um substantivo, equivaleria a um adjetivo (ex.: povos da selva = povos selvagens).

Com base no exposto acima, no presente trabalho estaremos compreendendo como adjetivo tanto as palavras quanto as locuções que atribuem

qualidades, características, estados, por entender que não existe distinção clara entre as duas. Não estaremos incluindo, entretanto, as orações adjetivas.

Na contagem dos adjetivos nos textos produzidos pelos estudantes foi encontrado um número maior de adjetivos no texto masculino, em primeiro lugar pelo fato de os jovens terem escrito mais. Em um total de 15 cartas com 1818 palavras, foram encontrados 163 adjetivos. A média de palavras por carta no texto masculino foi de 121,2 e a média de adjetivos por texto foi de 10,9. Portanto, no texto masculino em cada 121,2 palavras, 10,9 são entendidas como adjetivos, perfazendo um percentual de **9,0%**. Examinando os números no texto feminino, também composto por 15 cartas, foram encontradas 1245 palavras, das quais 94 podem ser compreendidas como adjetivos. A média de palavras por carta no texto feminino foi de 83 e a média de adjetivos por texto foi de 6,3. Assim, nessa média de 83 palavras, 6,3 são entendidas como adjetivos, perfazendo um percentual de **7,6%**. Dessa forma, comparando os percentuais, podemos dizer que neste estudo a percepção empírica não se comprovou matematicamente.

O que teria, então, determinado a grande ênfase dada aos adjetivos pelos identificadores? A pergunta nos leva a outras investigações em relação ao uso dos adjetivos.

No texto masculino, um fato que chamou a atenção foi o número de “locuções adjetivas”: 64 ocorrências (exemplos: de poluição, de fábricas, do campo, de moradia, de petróleo, etc.) contra apenas 16 (exemplos: de fome, sem roupa, sem animais, com amor e etc.) no texto feminino. Por outro lado, se classificarmos o conjunto formado pelos adjetivos simples e pelas locuções adjetivas conforme suas funções (descritiva, valorativa e especificativa), teremos um quadro bastante interessante.

A função descritiva, ou seja, aquela que atenta para os aspectos sensoriais ou estéticos, apreendidos pelos sentidos (visão, olfato, tato, etc.), aparece em 19 das 163 instâncias de uso de adjetivos nos textos masculinos, representando **11,7%** (exemplos: bonito, salgada, triste). Nos textos femininos, constitui 25 dos 94 usos de adjetivos, representando um percentual de **26,6%** (exemplos: bela, singela, lindo, bonita, gostosos).

Poderia ter sido a predominância dessa função a responsável pela atribuição de maior *sensibilidade e sentimento* ao texto feminino? Seria o caso de afirmar que o valor estético e sensorial do adjetivo predomina na mulher e se manifesta nos

adjetivos de forma marcante, a ponto de creditar à mulher tal característica? Por outro lado, o percentual relativo à função descritiva dos adjetivos no texto masculino (11,7%) pode, de certa forma, justificar a segunda pista mais forte encontrada para determinar o texto masculino: *sem emoções, falta de imaginação, realista, frieza na análise*. As duas pistas parecem estar em sentidos antagônicos.

Quanto à função valorativa, que definimos como a importância ou a significação que atribuímos às coisas, envolvendo conceitos abstratos e princípios éticos ou morais, nosso levantamento revelou que 51 dos 163 adjetivos dos textos masculinos, ou seja, **31%** dos adjetivos e locuções remetem a essa função (exemplos: importante, grave, fortes, muitas, precioso, lamentável). Nos textos femininos a função valorativa aparece em 45 dos 94 empregos de adjetivos, perfazendo **47%** das ocorrências (exemplos: importantes, grandes, ameaçada, vários, ruim). Percebemos, assim, que existe um razoável nível de conscientização por parte dos jovens rurais em relação ao meio ambiente, com vantagens para as mulheres. Neste caso, o senso comum de que as mulheres defendem mais que os homens os valores éticos e morais da sociedade pode ser corroborado pelas marcas encontradas pelos professores, que atribuem ao feminino a *preocupação com a natureza, com a higiene, a limpeza e o lixo*, valores éticos e morais recomendados a todos, indistintamente.

Finalmente, a função especificativa, definida como aquela capaz de estabelecer diferenças, tipificar ao atribuir características, ou classificar e ordenar as coisas com possíveis métodos e determinados critérios, constitui **57%** (93 de um total de 163) dos adjetivos dos textos masculinos (exemplos: imprópria, pura, pequena, de 7 hectares, orgânico, químico, foliar), um percentual bem superior aos **25,5%** (24 de um total de 94) dos adjetivos dos textos femininos (exemplos: do criador, meio, inteiro, da natureza, dos rios, desmatados, cheios, recicláveis). A expressiva diferença quanto à função de tipificar e classificar em favor do texto masculino possivelmente justifique algumas das marcas mais percebidas pelos professores ao identificar o gênero masculino nos textos analisados, como *direto ao problema, objetivo, ênfase em resultados e conseqüências, e sem emoções, falta de imaginação, realista, frieza na análise*. Assim, aquele que especifica ou classifica é visto como objetivo, frio e sem emoções, enquanto que quem descreve e avalia é visto como sensível e sentimental, além de acreditar que *o ser humano é mais importante que o dinheiro* e apresentar *sinais de religiosidade, espiritualidade e*

misticismo. Esses seriam valores prescindíveis à função especificativa, aquela mais próxima dos padrões científicos de comprovação, mas imprescindíveis às funções valorativas e descritivas, que se justificam pelos aspectos abstratos, morais, sensoriais e estéticos.

Um outro aspecto relacionado ao adjetivo é o emprego do grau, que pode ser comparativo (de igualdade, de superioridade ou de inferioridade) ou superlativo (absoluto ou relativo). Segundo Cunha (1996, p.216) o grau do **comparativo** pode ser indicado de duas formas. Na primeira, indica “que um ser possui determinada qualidade em grau *superior, igual* ou *inferior* a outro”, como em:

Paulo é *mais* estudioso do que Álvaro.

Álvaro é *tão* estudioso como [ou quanto] Pedro.

Álvaro é *menos* estudioso do que Paulo.

Na segunda forma, Cunha diz que a qualidade *superior, igual* ou *inferior* em relação a outra pode estar no mesmo ser, como em:

Paulo é *mais* inteligente que estudioso.

Paulo é *tão* inteligente quanto estudioso.

Álvaro é *menos* inteligente do que estudioso.

O grau **superlativo**, segundo Cunha (1996, p.217), pode ser *absoluto*, quando apresenta elevado grau determinada qualidade (Paulo é inteligentíssimo. Pedro é muito inteligente.) ou *relativo*, quando um elemento se sobressai por possuir um grau *maior* ou *menor* que os demais que apresentam a mesma qualidade (Carlos é o aluno *mais* estudioso do colégio. João é o aluno *menos* estudioso do colégio.) Nos dois últimos exemplos de graus superlativos, Cunha aponta para a existência do grau *superlativo relativo* de *superioridade* e de *inferioridade*, respectivamente.

Depois de buscar esclarecimentos sobre a gradação dos adjetivos, retornamos aos textos a fim de examinar como esses se apresentam quanto ao emprego do grau na produção dos estudantes. O grau do adjetivo, que expressa a intensidade com que este é empregado, no texto feminino aparece mais vezes (17/76), o que representa **22,4%** do total de adjetivos, sendo o grau superlativo absoluto o mais identificado (exemplos: importantíssima, muito inteligente, muito importante, muito melhor, etc.). No texto masculino o grau do adjetivo não parece ser tão relevante (11/96), pois representa apenas **11,5%**, ocorrendo mais casos no grau comparativo de superioridade (exemplos: mais felizes, mais precioso, mais bonitos, mais simples, etc.).

Quanto ao grau do adjetivo encontrados nos textos, considerando correta a identificação e interpretação, podemos dizer que no texto feminino a maior ocorrência do grau superlativo absoluto, possivelmente atribui mais ênfase aos adjetivos. Não obstante, o texto masculino com maior ocorrência do grau comparativo de superioridade, possa oferecer uma idéia de intensidade com parâmetros ou referências.

Ao falar sobre o grau do adjetivo, Ferreira (1992, p.100) nos adverte, entretanto, para um aspecto importante. Diz ele: “No estudo dos graus do adjetivo, você não deve se preocupar tanto com os nomes que os diversos graus recebem. É mais importante compreender o **sentido** que certo grau dá à frase do que saber qual o seu nome”. E isso se aplica a todo e qualquer uso gramatical e sua classificação.

Para Ilari (2001, p.68), no sentido das palavras combinam-se elementos conceituais e elementos afetivos. Os conceituais referem-se às características “objetivas” das realidades de que falamos, e por isso mesmo contribuem para descrevê-las de maneira relativamente neutra; os elementos afetivos apontam para as associações e reações que nos provocam, diz Ilari. A presença de elementos afetivos no sentido de uma palavra obriga-nos a considerar as posições (políticas, religiosas etc.) de quem fala e a lidar com a ideologia e, muitas vezes, com o preconceito.

Para Ilari (2001, p.69), as palavras ou expressões “combinam os elementos conceituais e afetivos em proporções diferentes”. Assim possuem pesos diferenciados, sendo os elementos afetivos mais importantes na significação das palavras, pois “se referem a experiências sobre as quais pesam valores e preconceitos (por exemplo as diferenças raciais étnicas, as opiniões políticas, a religião, a estratificação social, as opções sexuais) ou a hábitos ou situações que a sociedade estigmatiza”.

Com o propósito de buscar respaldo que justifique a percepção sobre os elementos afetivos dos sentidos serem próprios das mulheres, verificamos que, dos quinze textos femininos, nove apresentam formas de minimizar ou suavizar associações ou representações, “dourar a pílula”, como diz Ilari. Já nos quinze textos masculinos, doze pareceram ser mais diretos e específicos, capitalizando nos efeitos conceituais das palavras.

Uma boa maneira de separar os elementos conceituais e afetivos no sentido de uma expressão consiste em relacioná-los a diferentes funções da linguagem: os

elementos conceituais realizam normalmente a função referencial (centrada na realidade de que se fala); os afetivos realizam normalmente a função expressiva ou conativa (centradas no locutor ou receptor) (Ilari 2001, p.68).

Para ilustrar os elementos conceituais e os elementos afetivos sugerimos os seguintes fragmentos:

a) Produtor do texto 06 – “É lamentável saber que o ser humano vêm degradando o seu habitat, seu planeta e conseqüentemente destruindo a si mesmo.” - Esse fragmento parece mostrar que o produtor está centrado na sua realidade, se referindo ao meio ambiente de forma direta, portanto mais identificado com os elementos conceituais do sentido.

b) Produtora do texto 03 – “Tão bela, singela é a mão do criador. Flor tão colorida é a mão da criatura. Árvore preservada é a mão da criatura. Lugar calmo e apropriado para sua criação.” – Aqui a produtora se utiliza dos elementos afetivos por realizar uma função expressiva, obrigando-nos a considerar posições religiosas ao lidar com a ideologia de quem fala.

c) Produtor do texto 12 – “Preservar o meio ambiente é cuidar bem da natureza, não poluir o ar, não poluir os rios...não se pode deixar lixos atirados no chão, lixo tem que ser colocado no sexto do lixo.” – O sentido conceitual parece estar mais presente nesse texto, pois o produtor utiliza características “objetivas” e diretas das realidades que falamos, conceituando com referências claras.

d) Produtora do texto 22 – “Como seria o nosso meio ambiente sem tanto lixo, se parar para pensar seria muito lindo, muito bonito.” – Nesse recorte a produtora recorre aos elementos afetivos, pois transfere o conceito de meio ambiente para o receptor e utiliza-se de conotações ou sentidos secundários da realidade de que se fala.

e) Produtor do texto 16 – “O homem desmatou, queimou, nossas florestas para fazer lavouras, mas o homem fazendo isso não se tocou que ele queimando estaria poluindo o nosso ar que respiramos e também matou muitos animais” – O produtor do texto é direto ao denunciar o que o homem fez contra a natureza, ao referenciar uma série de eventos de maneira enfática, identificando-se com os elementos conceituais do sentido.

f) Produtora do texto 07 – “O meio ambiente é lindo, não acham! Muitas acham inclusive eu, eu adoro o meio ambiente,...” – Os elementos afetivos apontam, segundo Ilari, para associações e relações que nos provocam, obrigando-nos a tomar posições. No recorte aparece ainda a posição do emissor, portanto com características dos elementos afetivos do sentido.

Os produtores dos textos parecem ser mais “diretos”, apresentando características objetivas. Por outro lado, as produtoras dos textos tendem ao eufemismo (em grego “boa fala”) que segundo Ilari (2001, p.69) “é o processo por meio do qual atuamos sobre os níveis afetivos, de modo a minimizar as associações/representações desagradáveis que associamos a uma determinada realidade”.

Alguns exemplos do autor em relação a *eufemismos* que tiveram força no passado são “*campo de concentração*”, expressão usada para suavizar a perda de liberdade, imposição de trabalho pesado, violência e etc. Outra constatação é que com o tempo algumas expressões sofrem desgaste e perdem a capacidade de “*dourar a pilula*”. Na sociedade contemporânea o *eufemismo* parece estar presente sem que nos demos conta, como o uso das expressões *terceirizar*, *redimensionar*, *racionalizar* para justificar o desemprego, ou ainda, *remarcar*, *realinhar* para justificar, quem sabe, o aumento dos preços.

Retomando os textos produzidos por jovens escolares do meio rural, podemos encontrar exemplos que possivelmente ilustrem a suavização explicitada por Ilari. No texto 13, em “...costumamos ver agricultores colocando tanto agrotóxico na terra, com isso acabamos comendo alimentos *intoxicados*”, a produtora do texto pode ter suavizado a palavra *veneno* utilizando *agrotóxico*, e o adjetivo *intoxicado* no lugar do termo *envenenado*, que por certo causaria mais impacto. Convém lembrar que no contexto rural as palavras “agrotóxicos” ou “defensivos agrícolas” possuem o poder de minimizar os efeitos nocivos dos produtos químicos. Já “veneno” é uma palavra mais óbvia para alertar sobre o problema que tais produtos podem causar. O próprio Ministério da Agricultura obriga os fabricantes de químicos a colocarem uma tarja vermelha ou preta, com uma caveira e inscrições como: “produto perigoso”, “veneno”, uma forma de alerta aos produtores e usuários.

O termo “agrotóxico” nos textos é utilizado tanto por meninos quanto por meninas, pois faz parte do universo rural e da vida das pessoas, mesmo para aqueles que fazem o cultivo ecológico, sem o uso de produtos químicos. No entanto,

os elementos conceituais e afetivos em relação ao termo “agrotóxico” parecem possuir proporções diferentes.

Ao identificar que o fragmento da oração da carta 13 (“costumamos ver agricultores colocando tanto agrotóxico na terra, com isso acabamos comendo alimentos intoxicados”) foi produzido por uma jovem do sexo feminino, buscamos um exemplo de referência a esse tema em um texto masculino. Na carta 24, o produtor do texto diz: “esses agrotóxicos são extremamente prejudiciais a nossa saúde podem ser até fatais ou seja mortais se não matam ficam no nosso corpo para sempre.” Outro exemplo está presente na carta 33: “Não jogar embalagens de veneno no chão”. Os recortes comparados parecem mostrar que os meninos são mais diretos ao descreverem os agrotóxicos como venenos, alertando para suas conseqüências com detalhes e uma ênfase maior do que a dos textos femininos.

Após a verificação da ocorrência do adjetivo nos textos masculino e feminino, quanto a sua freqüência, tipo, grau e ao sentido em que foi utilizado, propomos observar o comprometimento e a afinidade dos jovens rurais com aquilo que dizem, através da análise da modalidade e da transitividade dos verbos em suas orações e frases.

3.2 A modalidade e a transitividade

Dando continuidade a nossa análise, e ainda com o intuito de verificar o que faz com que os textos femininos sejam considerados mais “sentimentais” ou indiretos e os masculinos mais “objetivos” ou diretos, propomos observar o comprometimento dos jovens rurais com aquilo que escrevem através da modalidade, que Fairclough (2001) define como o grau de afinidade com a proposição, e da transitividade, vista por Halliday e Mathiessen (2004) como o tipo de processo expresso pela proposição.

3.2.1 Modalidade

A modalidade está geralmente associada aos verbos auxiliares modais, como ‘dever’ e ‘poder’, mas existem outras formas pelas quais ela pode ser expressa. O tempo verbal, como o presente do indicativo, por exemplo, pode indicar uma modalidade categórica. E o conjunto de advérbios modais (‘provavelmente’, ‘possivelmente’, ‘obviamente’ e ‘definitivamente’), com seus adjetivos equivalentes

(‘é provável/ possível /óbvio /definitivo’), fazem parte de um grupo de possibilidades e formas de manifestação de vários graus de afinidade. “Em qualquer enunciado proposicional, o produtor deve indicar o que Hodge e Kress (1988, p.123) chamam de grau de ‘afinidade’ com a proposição; portanto, qualquer enunciado desse tipo tem a propriedade da modalidade, ou é modalizada” (Fairclough, 2001, p.199). A esse respeito, Ilari observa que ao descrever ações e estados de coisas através dos enunciados podemos considerar o “mundo real” e os “mundos possíveis” (2001, p.114), construções específicas balizadas pelos operadores modais. Alguns exemplos citados pelo autor podem ser encontrados em nossos enunciados de forma cotidiana, como em “é possível”, “é necessário”, e em advérbios como “necessariamente”, “possivelmente”, “eventualmente”, bem como nos auxiliares “pode”, “deve”, etc.

Considerando as manifestações dos professores quanto às marcas ‘objetividade’ e ‘subjatividade’ encontradas nos textos analisados, propomos investigar se a modalidade, conforme proposta por Fairclough, pode corroborar tais afirmações. Para Fairclough, como vimos no Referencial Teórico, a modalidade pode ser ‘subjativa’, quando o grau de afinidade com uma proposição é explicitado (“penso/suspeito/duvido que a terra seja plana”) ou ‘objetiva’, quando a base subjativa está implícita: “a terra pode ser/é provavelmente plana”. Assim, ele defende a idéia de que na modalidade subjativa está claro o grau de afinidade do falante; no entanto, quando se trata da modalidade objetiva, essa afinidade pode não ficar clara. É o que acontece quando o falante projeta seu próprio ponto de vista como universal, ou age como um veículo para o ponto de vista de outro indivíduo ou grupo, o que freqüentemente implica alguma forma de poder” (Fairclough, 2001, p.200).

Segundo o autor, algumas formas expressam alta afinidade e uma forma de solidariedade com quem se fala. Por exemplo, “ela não é bonita?” ou “ela é bonita, não é?” são formas de expressar afinidade com “ela é bonita”. Salienta ainda que perguntas desse tipo (uma pergunta negativa e uma asserção positiva com uma pergunta final negativa) antecipam ambas uma resposta positiva; assim, tais questionamentos são feitos para demonstrar afinidade e solidariedade e não para obter informações. “A modalidade é, então, um ponto de intersecção no discurso, entre a significação da realidade e a representação das relações sociais – ou, nos termos da lingüística sistêmica, entre as funções ideacional e interpessoal da

linguagem” (Fairclough, 2001, p.201). Lembramos que a função ideacional é a que estabelece sistemas de valores e de crenças, e a interpessoal é a que estabelece relações entre as pessoas.

Buscando verificar o grau de afinidade com o tema meio ambiente ou de solidariedade com o interlocutor nos textos produzidos pelos jovens rurais, e considerando apenas a classificação mais ampla entre uma afirmação categórica (digamos, impessoal) e um maior grau de afinidade com a proposição (o que pode ser interpretado como pessoal), verificamos que nos textos produzidos por meninas, dos 267 verbos empregados, 9% são categóricos. Nos textos produzidos por meninos, considerando-se apenas o verbo ser na 3ª pessoa do singular (forma verbal de grande incidência entre os/as estudantes), verificamos que, dos 268 verbos empregados, 8,2 % são categóricos. Percebe-se, portanto, uma ligeira vantagem para as mulheres quanto ao uso da modalidade categórica, o que, segundo Ilari (2001, p.199), indica comprometimento com as proposições no curso das interações com outras pessoas. Para ele, a afinidade com as proposições é difícil de separar do sentido de solidariedade. Dessa forma, expressar alta afinidade pode ter pouca relação com o comprometimento, demonstrando apenas solidariedade. Tal atitude é corroborada por expressões como “é” bonita, “é” lindo, “é” difícil, “é” fácil, “é” importante, entre outras encontradas com bastante frequência nos textos produzidos pelas meninas.

Na categoria modo, a variação da forma do verbo pode explicitar certeza, dúvida ou suposição, representando a atitude do enunciador para com determinada situação. A modalidade considera também os advérbios, que segundo Cunha (1989, p.455), “se juntam aos verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos para intensificar uma qualidade”. Os advérbios podem ser de afirmação ou dúvida, duas distinções que nos interessam particularmente no presente estudo. Assim situações de alta ou baixa afinidade com a proposição, maior ou menor comprometimento, certeza ou suposição, afirmações ou dúvidas, mundo real ou mundo possível são questões a serem avaliadas ao verificar a modalidade.

Nos textos em estudo, não foi encontrado na produção feminina nenhuma forma de utilização dos advérbios modais. No entanto, nos textos masculinos foram verificadas seis ocorrências (irreversivelmente, conseqüentemente, felizmente, extremamente, infelizmente e geralmente). Assim, temos uma maior ocorrência da

modalidade objetiva no texto masculino, o que pode ser visto como um sinal de que os jovens rurais tendem a expor um ponto de vista universal sobre um “mundo possível”, o que pode representar uma atitude de poder, e conseqüentemente, menor afinidade com as proposições.

No recorte da carta 32, por exemplo, em que o jovem escreve “...Com cada espécie eliminada o mundo se empobrece *irreversivelmente*”, ele parece não ter dúvidas e projeta seu ponto de vista como algo definitivo. Ainda na seqüência ele escreve “Salve a natureza”, mostrando pouca afinidade e até mesmo pouco comprometimento com a situação ao não se incluir na proposição. Ainda, na última frase, sentencia: “A extinção é para sempre!!!”, uma afirmativa de posicionamento forte, que demonstra poder.

Um caso semelhante do uso de expressões modalizantes pode ser encontrado na carta 24, em que o jovem escreve: “E esses agrotóxicos são *extremamente* prejudiciais a nossa saúde *podem ser* até fatais ou seja até mortais se não matam ficam no nosso corpo para sempre”. Neste caso, temos o advérbio modal “*extremamente*” e o auxiliar modal em “*podem ser*”, expressões em que a subjetividade está implícita, remetendo a uma modalidade objetiva, através da qual o autor do texto imagina um mundo com poucas alternativas, alertando para a possível fatalidade. Isso é reiterado por outras expressões enfáticas da frase (“*fatais*”, “*mortais*” e “*para sempre*”), que trazem consigo demonstrações de poder.

Entendemos que os verbos auxiliares modais (dever e poder) podem contribuir para a percepção das atitudes dos produtores dos textos no que concerne às funções ideacionais e interpessoais da linguagem, conforme delineadas acima. Nesse sentido, resolvemos examiná-los mais detalhadamente. Segundo o dicionário Luft, o verbo **dever** possui os seguintes significados: 1 – “*Ter de pagar; ter como dívida*”. 2 – “*Ter dívidas; obrigações*”. 3 – “*Obrigações; tarefa; incumbência*”. O mesmo dicionário **poder** significa: 1 – “*Ter faculdade de ou autoridade para*”. 2 – “*Habilidade ou capacidade física ou moral para*”. 3 – “*Ter influência sobre; dominar*”. 4 – “*Ter força, influência, domínio; ser poderoso*”. 5 – “*Vigor físico ou moral*”. 6 – “*Império; domínio; soberania; autoridade*”. 7 – “*Força; influência*”. 8 – “*O governo*”. Tais definições servirão doravante para contextualizar a análise da utilização dos verbos auxiliares modais *poder* e *dever* nos textos que formam o corpus do presente trabalho.

Foi encontrada em três textos femininos a conjugação dos verbos *poder* e *dever*, totalizando sete ocorrências, todas na primeira pessoa do plural e, portanto, de forma inclusiva: *podemos* (23); *podemos* (13); *devemos*, *devemos*, *devemos* (26); *devemos* (13). Apenas uma forma de conjugação do verbo *poder*, *poderem* (26), parece delegar responsabilidade a outros.

Ao recortar o texto da carta 13, na qual a autora escreve: “*Devemos* preservar o meio ambiente, pois sem ele não *podemos* viver...”, é possível perceber que *devemos* pode ser entendido como uma obrigação, “incumbência ou tarefa”; *podemos* representa ter “habilidade ou capacidade física”.

O emprego do verbo *devemos* parece ter o mesmo sentido no texto da carta 26: “O meio ambiente *devemos* salvar para mais tarde os nossos filhos e netos *poderem* viver num ambiente melhor. Por isso *devemos* preservar o meio ambiente por que sem ele nós não vivemos”. Neste recorte é possível identificar, além da inclusão, outra marca atribuída por professores ao texto feminino: a preocupação com filhos e netos. Ao utilizar o auxiliar *poderem*, possivelmente a produtora do texto tenha projetado aos filhos um mundo melhor. Também as três vezes em que aparece a conjugação de *devemos* remetem a um sentido de “obrigação moral”, mais que a uma “incumbência ou tarefa”.

No recorte de texto da carta 23, a ocorrência de *podemos* talvez represente o sentido de “consciência, ter faculdade ou autoridade para”: “Pois se a gente ir passear numa pracinha não *podemos* jogar lixo no chão, pois vai ficar imunda.” Outra marca neste recorte é a preocupação com a limpeza, mais um sinal identificado pelos professores como característica do texto feminino.

Dessa maneira, ao verificar a ocorrência dos auxiliares modais (*poder*, *dever*) e suas conjugações, é possível perceber comprometimento com as questões referentes ao meio ambiente. Os recortes dos textos parecem dizer que as meninas entendem como uma obrigação moral e um dever preservar o mundo em que vivemos, sob pena de não termos capacidade física para suportar os danos ambientais

Nos textos masculinos foi encontrada uma maior ocorrência dos auxiliares modais *dever* e *poder*, porém de maneira diversificada. Os verbos foram encontrados em seis cartas, totalizando doze ocorrências. Dessas, a forma inclusiva “*devemos*” aparece cinco vezes, sendo que apenas uma parece ter sentido diferenciado da construção feminina. No texto da carta 32, o produtor diz “*Devemos*

reconhecer que, tal como nós todos seres vivos tem direito a vida e não existem apenas para serem utilizados em benefício da humanidade”. O autor do texto, ao que indica, está reconhecendo uma dívida com a natureza e uma obrigação com a humanidade. Assim, o sentido do “dever” parece estar mais ligado ao conceito de “dívida e obrigação”. Nas demais ocorrências – “*Devemos* também ter cuidado com os agrotóxicos que se usam nas lavouras.....*devemos* proteger a natureza em que vivemos” (carta 08), “...*devemos* fazer como meus pais fazem na pequena propriedade...” (carta 04), “...*devemos* construir um mundo sem poluição” (carta 12) – o emprego de “dever” possui semelhanças com o sentido utilizado no texto feminino, ou seja, *devemos* como obrigação moral, tarefa ou incumbência. A diferença é que não foi encontrada no texto masculino a conjugação do verbo “*poder*” na forma inclusiva *podemos*, caso verificado no texto feminino no sentido de “*ter consciência, ter faculdade*” ou poder para superar as dificuldades de maneira conjunta.

Assim aparecem sinais de que, tanto no texto feminino quanto no masculino, os deveres e obrigações morais em relação à natureza e o meio ambiente são compartilhados, uma vez que quase todos se incluem na tarefa de preservar. Por outro lado, o mesmo não se pode dizer em relação à forma inclusiva “podemos”, pois o sentido das possibilidades conjuntas não foi verificado no texto masculino.

Ao olhar para as outras formas não inclusivas de utilização dos auxiliares modais *poder* e *dever*, percebemos uma diversidade de sentidos. O uso do verbo *poder* parece gerar afirmações categóricas, certezas ou suscitar a dúvida ao se excluir do processo. Um exemplo disso pode ser encontrado no texto da carta 32, em que se lê: “...O homem não criou e não *poderia* recriar as mais fáceis das espécies vivas desse planeta”. Aqui, a expressão *poderia* ao primeiro olhar sugere a incerteza, mas provavelmente trata-se de uma afirmação categórica, pois no contexto ele afirma com certeza que o homem não criou, portanto não poderia recriar. Segundo Ilari (2001, p.115), “Um período hipotético estabelece sempre uma dependência entre dois enunciados; um modo de entender essa dependência consiste em dizer que, em todos os mundos nos quais o primeiro enunciado for verdadeiro, o segundo também será verdadeiro”. No caso de “poderia” como operador modal de um período hipotético, ele torna-se verdadeiro por estar ligado ao primeiro período.

O sentido da expressão *poder*, neste caso, está mais próximo de “*ter faculdade, autoridade*”, ou seja, no sentido de poder fazer, capacidade, direito, autorização ou até mesmo permissão. Outra marca possibilitada pelo recorte pode estar ligada à religiosidade dos habitantes do meio rural, ao acreditar que “O homem não criou e não *poderia* recriar as mais simples das espécies vivas desse planeta”, remetendo à teoria sobre a criação do mundo que nos chega através dos ensinamentos bíblicos: “*No princípio, criou Deus os céus e a terra*”, “*Criou, pois, Deus os grandes animais marinhos e todos os seres vivos que rastejam, os quais povoam as águas, segundo as suas espécies; e todas as aves, segundo as suas espécies*” (Gênesis). Sobre o tema Ilari (2001, p.115) ainda comenta: “Convém também ter presente que noções como realidade ou irreabilidade podem ser relativas a um certo sistema de crenças e/ou conhecimentos”.

Situação diferente em relação à certeza ou dúvida está representada na carta 24, na qual o produtor diz: “...esses agrotóxicos são extremamente prejudiciais a nossa saúde *podem* ser até fatais...”. Neste caso o auxiliar modal *podem* sugere uma dúvida realçada pelo advérbio modal “extremamente”. O sentido do verbo *poder* neste caso parece ser mais próximo de “*ter influência*” sobre o destino, fazendo assim uma advertência ao homem no caso de uso inadequado dos agrotóxicos.

Outro sentido diferenciado do verbo *poder* está contido no recorte do texto da carta 06, em que o produtor escreve: “É esta luta é demonstrada desde pequenos atos como separar o lixo que *pode* e *deveria* ser reciclado se o governo...”. Podemos perceber que houve uma associação entre *poder* e *dever*, sendo que “*pode*” aparece com o sentido de “*ter habilidade ou capacidade física ou moral para*” alguma coisa. Possivelmente, o produtor do texto está ciente de que tem capacidade física, ou habilidade para cumprir a tarefa de recolher o lixo, mas condiciona sua capacidade de ação ao *dever*, no caso, ao governo. Dessa maneira, associando *poder* e *dever*, o auxiliar modal *pode* ganha um outro sentido, podendo ser entendido como: “O *governo*”, ou seja, obrigação de outros.

Esse dever do Estado, entendido pelo produtor do texto no sentido de “obrigação, tarefa ou incumbência”, parece ser repassado, nos demais textos em que ocorre, a outros personagens. Ao verificar o texto da carta 08, por exemplo, (“...os agricultores não *devem* pensar só em eles porque no mundo vivem milhares de pessoas, por isso proteja a natureza...”), a responsabilidade da “*obrigação*” é repassada aos agricultores.

Quanto à modalidade, então, podemos argumentar que os dados deste estudo dão conta de que tanto no texto masculino quanto no feminino apareceram marcas de afinidade com o tema proposto, o meio ambiente, sendo que o texto feminino apresentou alta afinidade e maior comprometimento com as proposições e, ao contrário, o texto masculino demonstrou baixa afinidade e menor comprometimento. A verificação das formas inclusivas dos verbos auxiliares modais (*poder* e *dever*) contribui para reforçar o maior ou menor comprometimento, pois foi também no texto feminino que apareceu um maior número de ocorrências das formas inclusivas (*podemos* e *devemos*)

Em relação às afirmações e suposições, no texto feminino foi encontrado um maior número de afirmações categóricas, dando conta, talvez, que o feminino tenha mais certezas ao falar do seu mundo, um mundo real. Por outro lado, no texto masculino aparecem as expressões modalizantes (possivelmente, provavelmente, pode ser) e a relação com o sentido objetivo (quando a base subjetiva está implícita) que remetem a um mundo possível. Ao mesmo tempo em que demonstram baixa afinidade e pouco comprometimento com as proposições, tais marcas atribuem ao texto masculino uma característica em que o falante projeta seu ponto de vista como universal, o que, como já tivemos oportunidade de referir, pode implicar alguma forma de poder, segundo Fairclough.

Talvez aí, e não no uso de adjetivos, resida a maior diferença entre os textos femininos e os masculinos. Os atributos reconhecidos pelos identificadores dos textos como subjetividade e objetividade podem ser consequência do tipo de modalidade empregada por meninos e meninas. De qualquer forma, pelo tipo de socialização a que estão expostas nossas crianças, não surpreende que o feminino se revele mais cooperativo e envolvido, e que o masculino se atribua maior poder para afirmar e generalizar.

3.2.2 Transitividade

Conforme explicitado no Referencial Teórico, a transitividade trata dos tipos de processos verbais utilizados nas orações para significar ou expressar a experiência, o que na gramática tradicional é visto, em linhas gerais, como verbos de ação e verbos de estado. Embora possa se tornar complexa, a transitividade baseia-se num conceito bastante simples, ou seja, na divisão da experiência entre os processos do mundo externo (materiais) e a experiência interna (processos

mentais). No capítulo 5 (A oração como representação) de sua *Introduction to Functional Grammar* (2004, p.168), Halliday e Mathiessen assim nos explicam o sistema de transitividade na gramática:

A nossa mais forte impressão da experiência é que ela consiste em uma série de eventos, ou “acontecimentos”. A seqüência de eventos é “dividida” pela gramática da oração, cada pedaço aparecendo como uma figura – de acontecimento, ação, sensação, dizer, ser ou ter. Todas as figuras consistem de um processo que se desenvolve através do tempo e de participantes que estão, de um modo ou outro, diretamente envolvidos nesse processo; além disso, pode haver circunstâncias de tempo, espaço, causa, modo ou outros. Essas circunstâncias não estão diretamente envolvidas no processo, mas o afetam. Todas essas figuras são organizadas pela gramática da oração. Assim, além de ser um modo de ação, de oferecer e solicitar bens e serviços ou informações, a oração é também um modo de reflexão, de impor uma ordem nas infinitas variações e seqüências de eventos. O sistema gramatical através do qual isso é realizado é a transitividade. O sistema de transitividade organiza o mundo da experiência em um conjunto de TIPOS DE PROCESSOS. Cada tipo de processo oferece seu próprio modelo ou esquema para estabelecer um certo específico de experiência como um tipo específico de figura. (Tradução nossa.)

Os tipos de processos estabelecidos pelo sistema de transitividade e fundamentados na diferença básica entre o que percebemos como acontecendo “lá fora”, no mundo ao nosso redor, e o que percebemos como acontecendo dentro de nós, no mundo da consciência (incluindo percepção, emoção e imaginação), são classificados por Halliday, num primeiro momento, como **materiais** e **mentais**. “O protótipo da experiência externa”, diz ele, “são as ações e os acontecimentos: as coisas acontecem, e as pessoas ou outros atores fazem coisas, ou as fazem acontecer. A experiência interna é mais difícil de organizar; mas é de certa forma um tipo de *replay* da externa, gravando-a, reagindo a ela, refletindo sobre ela; e é também uma consciência de nossos modos de ser” (2004, p.168). Como exemplo ele nos oferece o contraste entre “a máquina está produzindo dinheiro” (processo material) e “as pessoas querem dinheiro” (processo mental).

Entretanto, além dos processos materiais e mentais – os aspectos externos e internos de nossa experiência, Halliday nos alerta de que um terceiro componente deve ser oferecido, para que tenhamos uma teoria coerente da experiência. Além das percepções externas e internas, aprendemos a generalizar – a relacionar um fragmento da experiência a outro: isto é o mesmo que aquilo, isto é uma espécie (tipo) daquilo, etc. Devemos reconhecer, portanto, processos de um terceiro tipo: os de identificação e de classificação, ou processos **relacionais**. Por exemplo, “um de

cada quatro africanos é nigeriano” é uma oração relacional de classificação, e “os três grupos principais da nação são os Yoruba, os Ibo e os Hansa” é uma oração relacional de identificação (Halliday e Mathiessen, 2004, p.170).

Material, mental e relacional são, assim, os principais tipos de processo no sistema de transitividade elaborado pela gramática sistêmico-funcional de Halliday. Mas o autor nos alerta que também encontramos outras categorias que se localizam nas fronteiras ou limites entre esses três; não tão separadas, mas mesmo assim reconhecíveis na gramática como se situando entre os vários pares – com algumas características de cada e, portanto, com um caráter próprio. O quadro que ele nos oferece é o seguinte (2004, p.171):

Tipo de Processo Exemplo (participantes + processo + circunstâncias)

Material	A Nigéria caiu nas mãos dos ingleses.
Comportamental	As pessoas estão rindo.
Mental	O povo não aprova as ações do governo.
Verbal	Ele não disse a verdade.
Relacional	Um de cada quatro africanos é nigeriano.
Existencial	Há muito conflito entre os povos.

Entre os processos materiais e os mentais estão os processos **comportamentais**: aqueles que representam as manifestações externas de acontecimentos internos (As pessoas estão rindo) e os estados fisiológicos (Eles estavam dormindo). Nos limites entre processos mentais e relacionais, está a categoria de processos **verbais**: relações simbólicas construídas na consciência humana e realizadas através da linguagem, como dizer ou significar (Dizemos que nada é impossível). E, nos limites entre processos relacionais e materiais, estão os processos relativos à existência, os **existenciais**, através dos quais fenômenos de todo tipo são reconhecidos – existir, acontecer.

Buscando determinar sua prevalência nas cartas escritas por estudantes da área rural de Pelotas, utilizaremos apenas a classificação mais abrangente em processos materiais, mentais e relacionais, sendo que os intermediários – comportamentais, verbais e existenciais – serão incluídos nas categorias a que mais se aproximam conforme suas características predominantes.

Como nosso corpus é bastante extenso, selecionamos apenas as 8 primeiras cartas de cada grupo. Para maior clareza, incluímos no Anexo 5 os textos com as orações marcadas em vermelho para indicar os processos materiais, em azul para os mentais e em verde para os relacionais. Utilizamos o preto para fragmentos ou orações incompletas.

Assim, olhando este grupo de textos como um todo, podemos perceber que, entre as meninas, parecem prevalecer os processos materiais e mentais. Com efeito, das 108 orações classificadas, 51,8% são materiais, 33,3% são mentais e apenas 11,1% são relacionais. Nos textos masculinos, a princípio parece haver um equilíbrio entre os três processos principais. Analisando mais detalhadamente, nas 128 orações classificadas verificam-se 42,4% de processos materiais, 29,7% de mentais, e os processos relacionais aparecem em 23,4% das orações.

A pouca quantidade de processos relacionais encontrada nos textos produzidos por meninas corrobora nossa análise dos adjetivos, que indicava uma menor incidência da função especificativa, ou seja, daquela que estabelece diferenças, tipifica, ou classifica e ordena. E isso certamente vai ao encontro do senso comum e da percepção dos professores de nossa pesquisa, que vêem o masculino como mais lógico e racional (objetivo e sem emoção, como dizem). De resto, os tipos de processos não parecem oferecer uma explicação discursiva para as identificações.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Profissionais que atuam na área das ciências humanas cada vez mais se interessam pela análise textual e discursiva como forma de perceber como são estruturadas as realidades sociais. Sociólogos, antropólogos, psicólogos, comunicadores e educadores procuram na lingüística justificativas e respostas para questões de relacionamentos e de sentido. O texto, com sua complexa estrutura formal, nos oferece elementos para que possamos penetrar o discurso de que é parte e descobrir as relações entre as pessoas, suas identidades, e a possibilidade também de nos conhecermos melhor.

Foi tentando perceber as identidades e comprometimentos das pessoas com o mundo através das proposições de estudantes rurais sobre o meio ambiente que encontramos as questões de gênero. Percebidas diferentemente nos textos femininos e masculinos, as marcas que num primeiro momento nos pareceram indeléveis, inquestionáveis e portanto desafiadoras, se tornaram pistas para um exercício de investigação do discurso de homens e mulheres, cujas relações são marcadas por um quadro de percepções empíricas, cristalizadas pelo senso comum, mas ainda assim muitas vezes preconceituosas e, portanto, passíveis de comprovação.

A presente pesquisa, apesar de restrita a um segmento populacional específico, nos permitiu obter dados bastante significativos. Descobrimos, por exemplo, embora este não tenha sido um de nossos objetivos, que a crença generalizada de que as meninas escrevem mais e melhor do que os meninos não se confirmou entre os estudantes do meio rural na região de Pelotas. Um contra-ponto em relação ao tamanho do texto comprovado no presente estudo foi encontrado no Diário Catarinense (Anexo 6), onde um concurso intitulado Jovem Colunista

incentiva a participação de jovens de Florianópolis, da mesma faixa etária dos jovens rurais de Pelotas, a escreverem crônicas sobre o tema “meio ambiente”. O que se observa nas quatro crônicas publicadas na página 32 (3 femininas e 1 masculina) é o melhor desempenho das meninas quanto ao tamanho do texto. Em nosso estudo, os textos de autoria masculina foram consideravelmente mais longos e apresentaram estruturas bem mais complexas do que os de autoria feminina, o que possivelmente se deve ao fato de que os meninos desse grupo estão mais expostos ao material escrito proporcionado pelas cooperativas e pelas organizações rurais. De qualquer forma, é um dado que merece ser investigado.

No que diz respeito aos objetivos específicos da pesquisa que desenvolvemos, pudemos perceber que os professores, na condição de observadores dos textos, reforçaram características próprias do senso comum, atribuindo ao sexo feminino maior uso de adjetivos, mais sentimento e sensibilidade, preocupação com a natureza, uso da terceira pessoa do singular e forma inclusiva de expressão. Na mesma ordem de importância foram atribuídas ao sexo masculino características como objetividade, ênfase em resultados e conseqüências, texto sem emoções, falta de imaginação, realismo, frieza na análise, texto com poucos adjetivos e atitudes que indicam dominação. No entanto, nem todas essas marcas foram comprovadas.

Na análise dos adjetivos (incluindo-se aqui as locuções adjetivas), o trabalho revelou que não foi o número ou, melhor dizendo, a incidência da adjetivação que diferenciou o texto feminino do texto masculino, e sim o tipo de adjetivo (descritivo ou sensorial) e o modo (especialmente o grau) em que foi empregado que fez com que o adjetivo tenha sido mais percebido nos textos produzidos pelas meninas. Os meninos, na verdade, apresentaram um índice de 9% de adjetivos contra 7,6% das meninas, mas sua adjetivação apresentava muitas locuções adjetivas, não tendo sido percebida como tal pelos leitores.

Quando classificamos os adjetivos conforme suas funções (descritiva, valorativa e especificativa), foi possível perceber que entre as meninas do grupo estudado predominaram as funções descritiva (aspectos sensoriais, estéticos) e valorativa (aspectos abstratos, morais), enquanto no texto masculino predominou o uso do adjetivo na função especificativa (tipificação, classificação).

Outro fator capaz de justificar a percepção de que as mulheres utilizam mais adjetivos foi em relação à gradação. O estudo mostrou que o grau do adjetivo

aparece de maneira significativa no texto feminino, sendo mais evidente o grau superlativo absoluto (importantíssima, muito importante), o que possivelmente atribua maior ênfase aos adjetivos.

Um outro aspecto observado na análise dos adjetivos foi a relação entre os elementos conceituais e afetivos do sentido, conforme definidos por Ilari (2001, p.68): os elementos conceituais realizam, normalmente, uma função referencial, centrada na realidade do que se fala; os afetivos realizam uma função conotativa, centrada no locutor ou no receptor. Os recortes observados, formados por orações e frases selecionadas, mostram uma maior ocorrência dos elementos conceituais (mais diretos, específicos) em textos masculinos, enquanto os elementos afetivos (formas de suavizar, “dourar a pílula”) estão mais presentes em textos femininos, o que pode justificar a atribuição de sentimentalidade, imaginação e sonho às meninas em oposição à frieza e falta de emoção percebida nos meninos.

Através da análise de modalidade buscamos verificar a afinidade e o comprometimento dos estudantes com o tema meio ambiente. O texto feminino mostrou alta afinidade e maior comprometimento, como também apresentou uma maior ocorrência de formas inclusivas (podemos, devemos). No entanto, foi no texto masculino que apareceram com mais frequência os elementos modalizantes (possivelmente, provavelmente), revelando uma baixa afinidade e pouco comprometimento com as proposições, e indicando, como vimos, a projeção de pontos de vista pessoais como universais. E essa modalidade objetiva, como observa Fairclough (2001, p.200), implica alguma forma de poder. Provavelmente tenha sido o uso diferenciado da modalidade o que determinou a maior diferença entre os textos masculinos e femininos no que se refere a questões como subjetividade e objetividade, conforme identificadas pelos professores/observadores.

Com base na análise da transitividade, pudemos concluir que tanto nos textos femininos quanto os masculinos predominaram os processos materiais (externos) e mentais (internos), com uma pequena superioridade dos primeiros sobre os segundos. A única diferença significativa foi quanto aos processos relacionais, com um índice de 23,4% das orações produzidas pelos meninos contra 11,1% das meninas. Ora, se o processo relacional generaliza, identifica e classifica, esse dado vem corroborar o que já foi constatado por meio da análise dos adjetivos e da modalidade, ou seja, os meninos de nosso estudo apresentam uma preocupação muito maior do que as meninas em estabelecer relações e ordenar

idéias, respaldando o senso comum de que os homens seriam mais lógicos e as mulheres mais observadoras (ou até intuitivas).

É óbvio que não podemos generalizar e afirmar, a partir da presente análise, que (todos) os homens são mais lógicos que (todas) as mulheres. Mas é um dado interessante e que vem ao encontro do senso comum e das percepções empíricas dos professores que identificaram os textos. Não podemos, tampouco, afirmar que tal “diferença” tenha algum substrato biológico, pois bem sabemos que as identidades de gênero (assim como as de raça, classe, etc) são culturalmente e historicamente construídas. O que podemos fazer é especular sobre o que faz com que, entre estudantes do meio rural de Pelotas, essas características se manifestem. Seria isso consequência do que Bourdieu (1999, p.17) chama de uma ‘imensa máquina simbólica’ que atribui diferentes valores, espaços e atividades a um ou outro sexo? Ou apenas o resultado de condições específicas e contingentes a que esses sujeitos estão expostos? Fica a pergunta. E a citação de Silva (2000, p.80): “Em suma, a identidade e diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem”.

Acreditamos, ainda, que o mais importante talvez não seja o simples fato de saber identificar o gênero através da escrita, mas entregar aos educadores ferramentas para que esses possam lidar com as diferenças, e assim entenderem que essas são relativas e necessitam de uma compreensão dos fatores históricos e ideológicos presentes no contexto (espaço e tempo) de determinado grupo social.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahared, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa**: tradução gramatical, mídia & exclusão social. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BARROS FILHO, Clóvis de. *O habitus* na comunicação. In: SÁ MARTINO, Luis Mauro. **Ética na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 171-174, 2004.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Gênero e meio ambiente**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO: UNICEF, 1997.
- CMTR e Deser. **Gênero e associativismo na agricultura familiar**: mulheres e homens construindo caminhos de igualdade. Curitiba: Marginal, 2000.
- CUNHA, Celso. **Minigramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- DALL' ALBA, Itamara. **A mulher e sua participação ao longo da história**. Concórdia: Editora São Cristóvão, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Disponível em: <<http://www.lexikon.com.br/aurélio.htm>>. Acesso em: 5 out. 2005.
- FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**: teoria, sínteses das unidades, atividades práticas. São Paulo: Paulo FTD, 1992.

FONSECA, Tânia M. G. Utilizando Bourdieu para análise das formas (in)sustentáveis de ser homem e ser mulher. In: STREY, M. N. et al (orgs.) **Construções e perspectivas em gênero**. São Leopoldo: UNISINOS, 2000. p.19-32.

HALLIDAY, M. A. K. e MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Introducion to Functional Grammar**. 3. ed. Londres: Oxford, 2004.

HÉRITIER, Françoise. **Masculino Feminino**: O pensamento da diferença. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica** – brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: Permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.

PEDRO, Emília Ribeiro. **Análise crítica do discurso**: Uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Editora Caminho, 1997.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. 4. ed. Editora Ática. São Paulo, 2000.

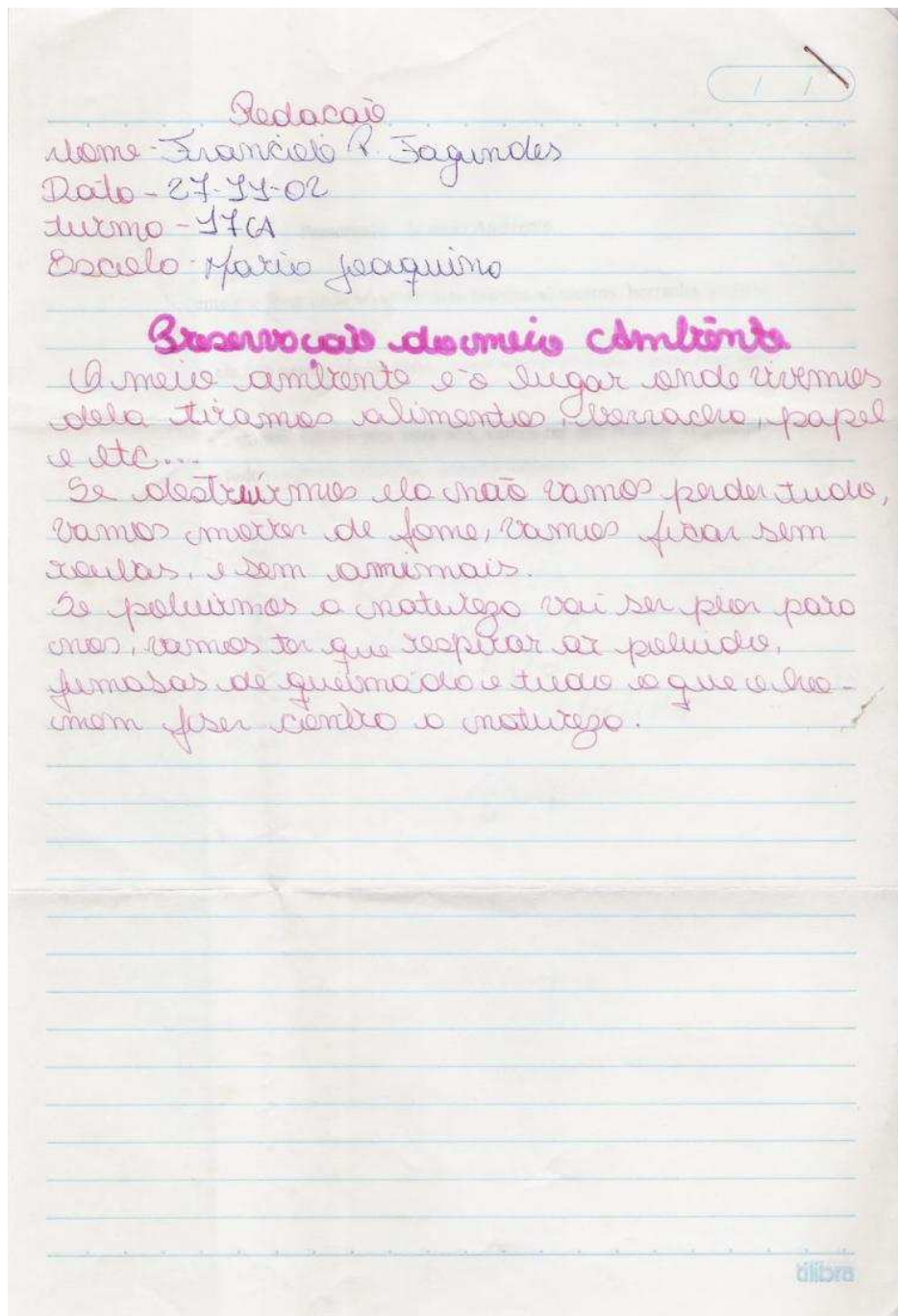
SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS. **Vinte e cinco anos de agropecuária na zona sul – RS**: Levantamento estatístico 1975/2000, Instituto Técnico de Pesquisa e Assessoria – ITEPA. Pelotas: Educat, 2001.

VAN DER SCHAAF, Alie. Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul, **Sociologias**, n. 10, p. 412-442, 2003.

ANEXO 1

Carta 1



Carta 2

A sua parte

A natureza é constituída por várias espécies de animais e plantas.

Cada um tem sua função. As plantas, verdes, e estomiontes, purificam o ar.

Os animais, por exemplo, o tigre, forte bonito, um dos protetores da natureza.

O leão o rei da selva com sua coroa de cabelos, dentes afiados. Eles fazem sua parte!

Já na água, as plantas aquáticas, que purificam a água deixando-a cristalina e pura, só tem um problema. A água doce é imprópria para beber.

Todas fazem sua parte!

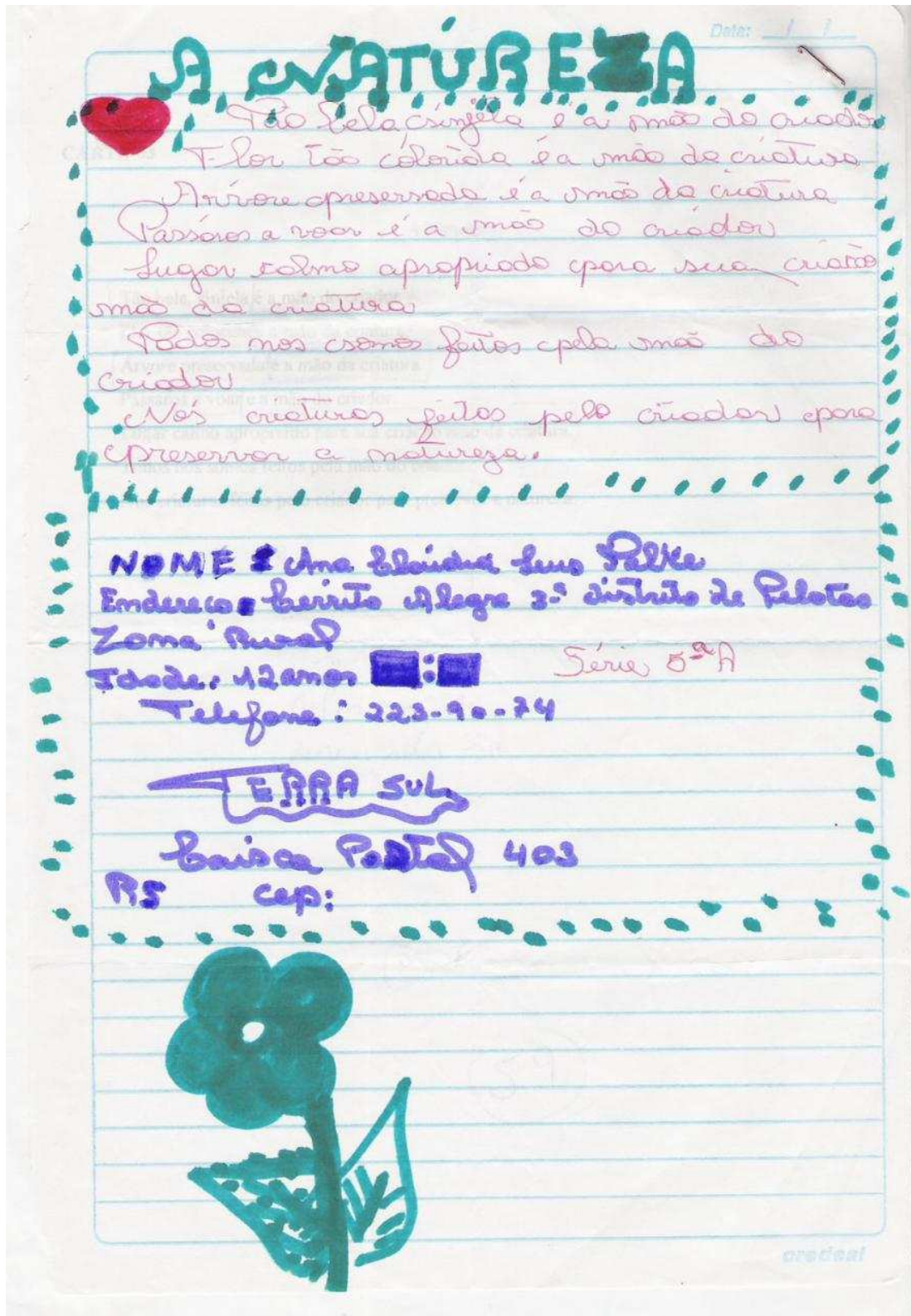
Mas o homem ao invés de fazer a sua parte ele está destruindo a parte dos outros!

Mais Pulin Betimpo Krüger

7ª Série A

Dona Maria Joaquina

Carta 3



Carta 4

Preservação do meio ambiente.
O mundo inteiro está destruindo o meio ambiente ~~po~~ em que nós estamos vivendo por isso eu acho que para preservar a natureza devemos fazer como meus pais fazem ~~na~~ pequena propriedade de 7 hectares que cultivam com pastagens, milho, pimenta vermelha, morango e verduras para o consumo da casa.
Para conservar o solo eles usam curvas de nível e plantio direto. Nas plantações não usam ~~venenos~~ e pesticidas. No morango só usam adubo foliar.
Se todos agricultores fizessem assim como os meus pais eu acho que as pessoas teriam mais saúde e principalmente o meio ambiente não seria tão maltratada como está sendo.
Isso é o que eu entendo por preservação do meio ambiente.

Carta 5

A natureza agradece

O nosso ambiente é um paraíso, repleto de flores, árvores, animais de tudo de bom que existe. Temos que preservá-lo para termos ele sempre lindo seus animais, suas serras seu tudo, porque tudo é lindo. É uma pena que tem pessoas que não acham isso da natureza se destroem matam etc. Mas a verdade é que ela é bonita é bonita e é bonita.

Você preserva, a natureza agradece.

Nome: Jociane Leiteki Müller

Série: 7ª Série

Escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Maria Joaquina

Carta 6

Por Verde

É lamentável saber que o ser humano não degra-
 dando o seu habitat, o seu planeta e conseqüentemente
 destruindo a si mesmo. Mas felizmente não são todas
 as pessoas que agem dessa forma destruidora e irresponsá-
 vel, ao contrário estas pessoas lutam e procuram fazer a
 sua parte com um único objetivo, preservar o meio am-
 biente, o seu planeta. E essa luta é demonstrada desde pe-
 quenos atos como separar o lixo orgânico do lixo que pode e
 deveria ser reciclado se os governos quisesse a se mobilizar
 que esse ato seria de extrema importância para a sociedade,
 até protestos contra grandes poluições no ar, da
 água ou do terra. E o planeta já vem apresentando
 as conseqüências devastadoras causada pela imprudência
 de humanos sobre o meio ambiente. E uma ~~das~~ das
 maiores conseqüências é o buraco na camada de ozônio
 que vem super aquecendo partes do nosso planeta e au-
 mentando com o passar do tempo.

Desequilíbrio ambiental isso é uma palavra bem conhe-
 cida e encontrada na nossa atual realidade, causada pelos
 atos destruidores e conseqüentes do homem como que-
 imadas, desmatamentos, o aquecimento muito mais cau-
 sados pelo aumento de lixo jogados em locais impróprios,
 o uso excessivo de agrotóxicos entre outros atos de depredação
 ao meio ambiente.

Temos que fazer valer a mesma voz para conscientizar
 aqueles que lutam e ao mesmo tempo destroem o natu-
 raleza, pois inevitavelmente também sofreremos as conse-
 qüências e talvez irreversíveis conseqüências dessa destruição.
 Existem soluções, e elas tem que ser postas em prática,
 como o reciclagem, filtros nas indústrias de fabricar,
 tratamento de esgoto, redução do lixo entre outras for-

mas de preservação do meio ambiente que garantirão a sobrevivência de todos os seres vivos que habitam a Terra.

Somos dependentes do meio ambiente e cabe a cada um de nós manter preservado-lo. Pois preservar a natureza é preservar a vida.

Carta 7

O meio ambiente,

O meio ambiente é lindo, não achas? Muitos acham, inclusive eu, eu adoro o meio ambiente, o ar puro, quando ninguém polui, os frutos gostosos, quando não se tem agrotóxico, os animais, a natureza, isso tudo foi feito com amor e carinho pra nós, mas tem gente que não aproveita.

A preservação da natureza é muito importante, por isso chega de meio ambiente, vamos lutar por um inteiro.

Nome: Graziela B.S

Escola: Escola municipal de Ensino Fundamental Dona Maria Joaquina

Carta 8

A natureza agradece

O lixo que jogamos no chão é uma coisa que se deve ter respeito, não se pode fazer isso por respeito à natureza. Devemos também ter cuidados com os agrotóxicos que se usam nas lavouras as inseticidas para matar os bichos, pois assim devemos proteger a natureza em que vivemos, os agricultores não devem pensar só em eles porque no mundo vivem milhares de pessoas, por isso proteja a natureza, jogue o lixo no lixo, pois a natureza agradece.

Nome: Edelclaus T. Ott

Série: 7.ª

Escola: D. Maria Joaquina

Data: 27-11-02

82

Carta 9

1) "Meio ambiente": na nossa natureza existem árvores, plantas, rios, animais e grandes florestas.

Mas a natureza está ameaçada, com a lixo que as pessoas jogam no meio-ambiente, os queimados nos nossos florestas, a poluição dos rios, o nosso mundo está acabando.

Dai a alguns anos não existirá mais árvores, plantas, animais e o mais importante é nosso ar.

toda pessoa deve fazer sua parte preservando, protegendo e cuidando nosso ambiente.

//

1) Meio-Ambiente
é a nossa vida
se não cuidarmos
vai acabar //

Carta 10

O Meio Ambiente

Vamos parar de poluir o ar, a água, desmatar as florestas e matos e não reduzir o nosso meio ambiente.

Se nós destruirmos a nossa natureza, que patrimônio deixaremos para nossos filhos, netos e bisnetos.

O meio ambiente é para ser cuidado e não destruído. Vamos lutar para termos um completo ambiente e não um meio ambiente.

Se todos nós plantarmos árvores e reciclarmos o lixo, a nossa vida ficará melhor.

Quem pensa que destruindo o lugar onde vive será mais rico, está cada vez mais pobre de espírito.

Nome: Christina Jensen

Série: 7ª série

Escola: Dona Maria Joaquina

Carta 11

Data: 1/1

A maturação

1-1a) várias maneiras para nós cuidarmos a maturação. Uma delas use nós polverizamos ou destruímos a maturação estaremos nos prejudicando a massa usada.

Tem gente que prejudica a maturação jogando lixo no chão e uma beira das praças, cortando matos. O desmatamento, a queima com agrotóxicos ou sem.

Daí fica ruim prejudicando a massa usada.

A maturação está sendo destruída, para que destruir, a maturação é tão bonita

Nome = Haisane G. Dias
 Serie = 7a

Carta 12

Data: / /

Preservação do Meio Ambiente

Preservar o meio ambiente é cuidar bem da natureza, não poluir o ar, não poluir os rios... não se pode deixar lixo atirado no chão, lixo tem que ser colocado no saco de lixo.

Tem gente que polui o meio ambiente sem se dar por conta, essas pessoas colocam agrotóxicos nos frutos em que não ser vendidos; No Arremeno que eles colocam no fumo, o fumo é o maior inimigo da preservação do meio ambiente, porque quando tem vento o veneno se espalha por varios lugares, quando chove a terra que está poluida pelo veneno escorre para os rios e polui os águas dos rios e os peixes acabam morrendo e vai assim terminando com a natureza os gramados, as árvores acabam amarelando; E tem mais os frutos envenenados acabam provocando câncer em muitas pessoas por devemos construir um novo mundo sem poluição, um ar limpo, as pessoas e as natureza agradeçam.

Somos mais felizes com a natureza pura.

Ass: Ronaldo Bichet Brun

escola: D. Maria Joaquina

série: 7º

Carta 13

O meio ambiente

Devemos preservar o nosso meio ambiente, pois sem ele não poderemos viver, ele faz parte da nossa vida, mas não é isso que muita gente pensa, por que costumamos ser agricultores colocando tanto agrotóxico na terra, com isso acabamos comendo alimentos intoxicados, criando doenças, eu penso que eles fazem isso só para ganhar dinheiro, não pensando nas consequências e prejudicando assim a si mesmos, com todo esse agrotóxico na terra eles poluem o ar, a água.

Mas não é só isso tem muita gente costuma beber, só pensando em dinheiro não tem como entender isso, estragar o meio ambiente para ganhar dinheiro.

Por isso eu peço cuidem do nosso meio ambiente!

Nome: Bianca Duns Maske

Série: 7º

Escola: Dona Maria Joaquina

27/11/02

PRESERVAR O MEIO AMBIENTE

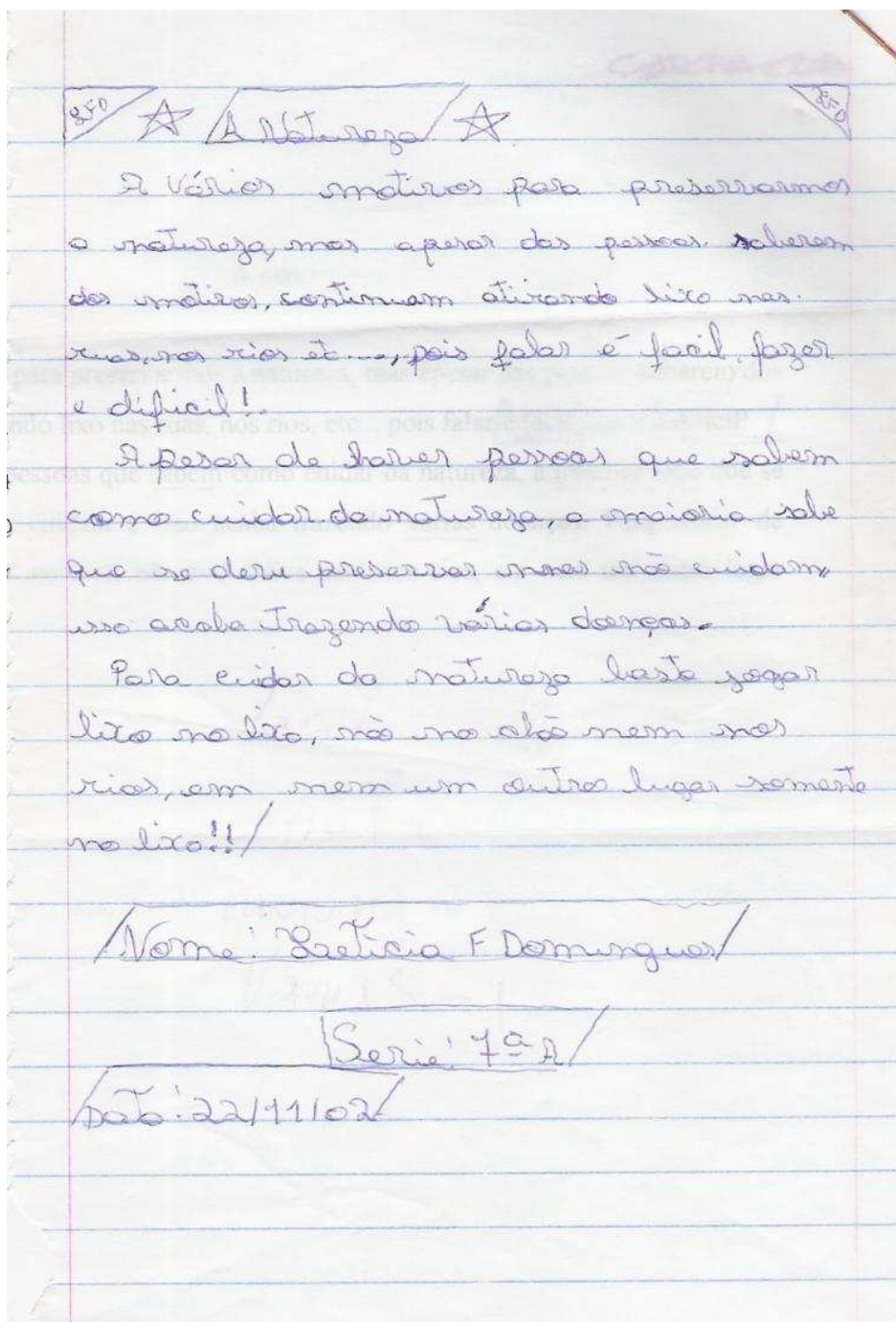
Preservar o meio ambiente é cuidar do que é nosso, tem gente que diz que cuida do ~~do~~ porque, não corta árvores, não mata animais mas preservar não é só isso é não jogar lixo na natureza, não construir, erguer pista de água ou em locais onde não devem. Seres vivos não colocar agrotóxicos etc...

Preservar também. desde não colocar agrotóxico pois a nossa saúde também tem que ser preservada, o ar é uma importante fonte de poluição, fumaças de fábricas, carros etc...

Preserve o Meio Ambiente, você precisa dele.

Anderson Rodrigues

Carta 15



Carta 16

Pobre meio ambiente.

O nosso meio ambiente pelo homem.

O homem desmatou, queimou nossos florestas para fazer lavouras, mas o homem fazendo isso não se toca que ele queimou de estaria poluindo nosso ar que respira mas e também mata muitos animais.

Depois de desmatar o homem lavrou as terras, colocou venenos para combater os pragas nas lavouras, mas acabou matando outros animais.

Sem falar que os homens criaram os carros, os gases que acabam com nossa camada de ozônio, e com isso acaba nos prejudicando por que causa câncer de pele.

Não use carros nem espere, cuide da nossa camada de ozônio. Nossa pele agradece.

Filipe Ribes Faria

7ª Série

Dom. Maria Joaquina

Carta 17

Meio Ambiente

As vezes quando as pessoas estão no centro comem alguma coisa e não têm nada para colocar o lixo.

Também eles jogam no chão que acaba entupindo rios, que causa as enchentes quando chove. Se colocassem os lixos nos lixos não causaria tantos danos.

Na agricultura, os lixos entopem os rios nas lavouras, deixam os rios sujos cheios de lixo, acaba atrapalhando no desenvolvimento das plantas, os desmatamentos e as queimadas causam erosão no solo, porque eles não plantam árvores naquele lugar novamente.

Cuidar do meio ambiente é muito importante.

Nome: Jemessa Bernat

Série: 7ª

Escola: Dona Maria Joaquina

Carta 18

Sensibilização do Meio Ambiente

27/11/09

O moroso mais onívoro e o moroso parvo são o mesmo sem mais diferença por que nós vivemos e dependemos dele e mesmo assim tem gente que o maltrata como se fosse na terra.

Mas tem gente que se conscientiza sobre o que está fazendo e para, consegue mudar a cara do seu ambiente.

Da mesma forma quando alguém faz alguma coisa errada se aconselha a não fazer aquilo para não prejudicá-lo.

Nome: Gustavo Ribeiro de Oliveira

Carta 19

Preserve o meio ambiente

A preservação do meio ambiente é muito importante, pois dela depende a nossa vida.

A água é importante, é dela que tiramos nosso sustento, sem ela nós nunca vamos viver bem.

Vamos cuidar bem do meio ambiente não colocar agrotóxicos nas plantas esses venenos matam tanto as pragas que existem nas plantas como a nós, vamos cuidar do meio ambiente, é isso com nos estamos, em contato com a natureza ver aquele lindo verde das plantas, então para sempre tenhamos esse lindo verde devemos sempre desta frase "preservar a natureza".

Nome: Yessiane K. Ruiz

Série: 7º

Assinado: Dona Maria Joaquina

Carta 20

O Meio Ambiente pede Socorro!

Data: 24/11/02

Meio Ambiente! ...

Será que este meio ambiente de hoje é que nem o meio ambiente de anos atrás.

O meio ambiente atual está sendo destruído. Os animais estão ficando extintos, as pessoas cada vez estão ficando doentes. Mas como nós mesmo sabemos somos nós que estamos nos destruindo e destruindo toda as outras coisas junto (meio ambiente).

São as ambições, o querer de mais e mais. Estão cada vez mais destruindo o meio ambiente, sem falar nos produtos químicos.

Por tanto nós jovens temos que parar e pensar e tentar inverter essa triste realidade.

Socorro! Dis o meio ambiente.

Série: 7^a A

Nome: Ezequiel Praffi Schulerke

Surma: 21

Nome da Escola: D. Maria Ygeaquina.

M 105

Carta 21

Preserve o meio ambiente.

O meio ambiente faz parte da nossa vida, tanto na vida material, como na vida pessoal.

Cibô suge nosso meio ambiente, não jogue lixo no chão porque lixo no lixo. *A maturação agrícola*
 Cibô fora dermatomente de arvores, não coleque veneno nas plantas, o veneno faz muito mal a saúde.

Preserve a plantas não coleque veneno as plantas são importantissima na nossa vida elas nos alimentam e nós dão saúde.

O meio ambiente não precisa dessas poluições como já disse

A maturação agrícola.

De = *Doenças uterinas etc. (alergia)*

Carta 22

O lixo no lixo

Como seria nosso ambiente sem tanto lixo, reparar para pensar seria muito bom, muito benéfico. As pessoas não são tão pessoas que não tem capacidade para coletar o lixo no lixo se não o lixo demora anos e anos para se decompor. Se as pessoas cuidarem seria muito melhor. O ambiente fica melhor as pessoas não estão tão doente como tem usado coisas ruins e todo lixo se elas se absterem de coletando o lixo no lixo.

Na agricultura o lixo serve para bastante coisa como matéria orgânica e as plantas ficam mais fortes e mais saudáveis.

Neisuelen Rosick Braga.

Série: 7º

Data: 22-11-02

Escola Dona Maria Paquinha.

100

27/11/02

O meio ambiente

Pessoal não vamos jogar lixo no chão, jogar lixo no lixo!

Pois se a gente ir passear numa praça não podemos jogar lixo no chão, pois vai ficar imunda.

Em casa temos que separar os lixos recicláveis, vidros, cascos de alimentos transformar em lixo orgânico.

Nós temos a obrigação de conservar o meio ambiente, para nós podermos viver em um ambiente agradável.
Vamos viver sem poluição!

Nome: Mubia Basari

Série: 7ª

Carta 24

Nosso Meio Ambiente

Sem ela nós não vivemos em ela
 não existe nada. Ela é o meio ambiente,
 mas tem gente que não sabe como manejar
 ela, tem muito gente que usa agrotóxicos
 muito fortes por isso ela não só
 prejudica o animal que vive no solo,
 mas as plantas em volta e também os
 passaros que orbitam esta lavoura.

até E também esses agrotóxicos são
 extremamente prejudiciais e morre
 muito rápido por até fazer ou seja
 até matar se não matam ficam no
 nosso corpo para sempre.

Assinado: Dona Maria Joaquina.
 nome: Michael Emanuel Herke
 sírio 7º

Carta 25

O Nosso Meio Ambiente

O nosso meio ambiente é muito importante, por que sem ele... não existe nada, e muita gente não pensa em preservá-lo, essa pessoa de perreco só querem saber de ganhar dinheiro, uns derrubando matas e os produtores, botam muitos venenos nas lavouras com isso destrói a terra.

Para preservar o meio ambiente os agricultores usam adubos orgânicos, como o excremento de vaca, galinha e outros, também podemos usar a própria ~~folha~~ folha que servem de adubos. Assim os produtos nascem mais bonitos, até para eliminar pragas à técnicas caseiras.

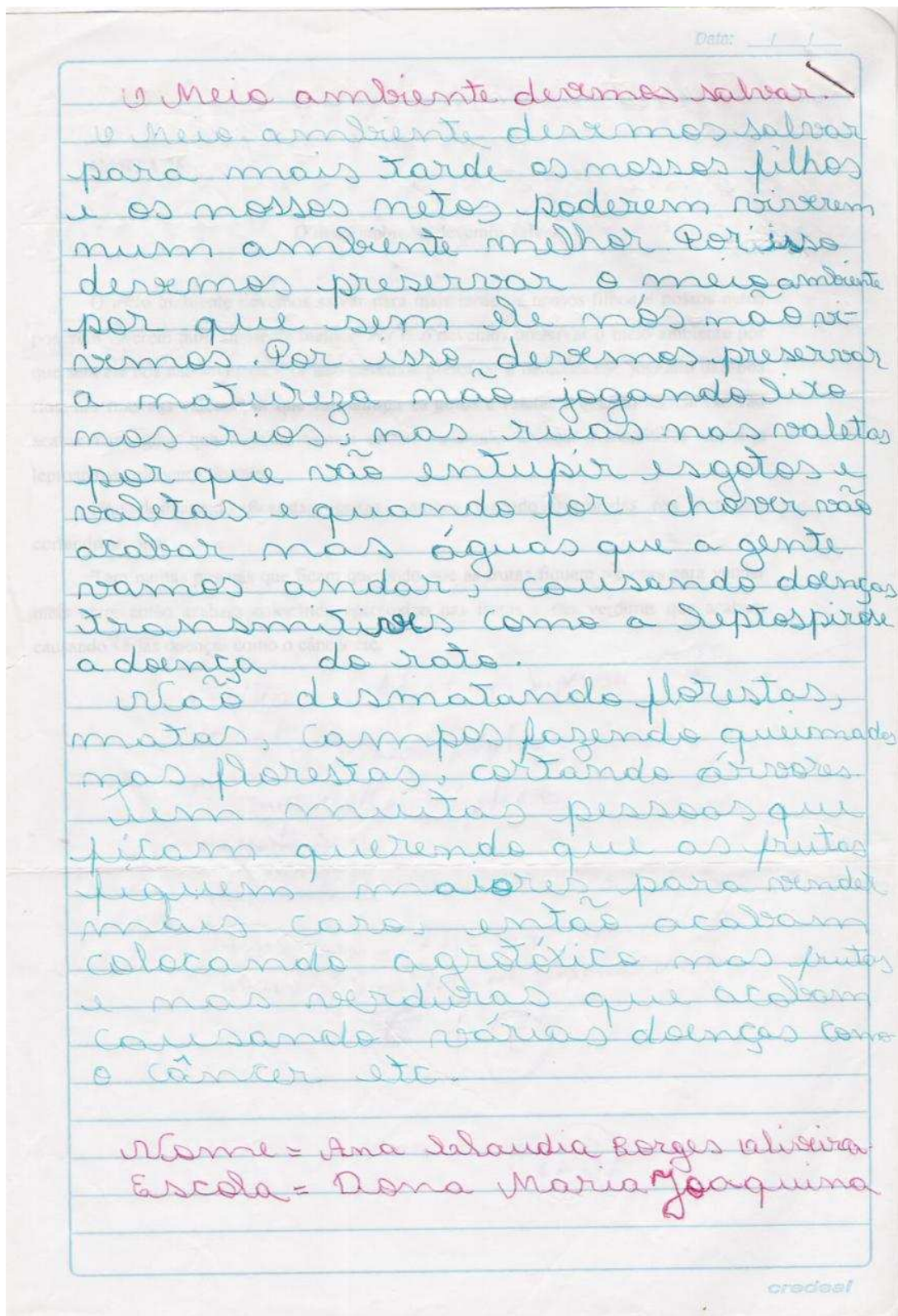
Se todos os agricultores fizerem isto o meio ambiente ia ser bem menos poluído. Mas são só alguns que são conscientes e preservam o nosso meio ambiente.

ESCOLA DONA MARIA DOQUINA

nome: Ismael Senke Perleberg

#

Carta 26



Carta 32

Nome: Nilsan Kampes Maestri Turma 5^ª
 Escola E.M.E.F. Bruno Lohaves. Data 25/11/02
Preservação do meio ambiente

Da preservação dos ambientes naturais e espécies vivas depende também do bem-estar e, mesmo, a sobrevivência da espécie humana.

Que planeta deixaremos para as nossas filhas? Não terão elas o direito de conhecer, pelo menos, substâncias amostras da natureza original da Terra?

O homem não cria e não poderia recriar as mais simples das espécies vivas deste planeta.

Portanto, não deveria destruí-las.

Devemos reconhecer que, tal como nas todas as seres vivos tem direito a vida e não existem apenas ~~para~~ para serem ~~usados~~ utilizados em benefício da humanidade.

Com cada espécie eliminada o mundo se empobrece irreversivelmente.

Salve a natureza.
 A ecologia é para sempre!!!

Carta 33

FICHA DE REDAÇÃOEscola: Santos DumontNome: Eduarolo Ritz

Nº _____

Série: 5ºTurma: UData: 27 / 11 / 02

Nota: _____

Preservação do meio ambiente

Geralmente a preservação do meio ambiente tem sido um assunto muito importante.

Os vazamentos de petróleo das marés têm sido uma ameaça à vida marinha. Muitos peixes, pinguins e outros seres vivos morrem por causa do vazamento de petróleo.

O homem também tem utilizado muito os agrotóxicos, lançados em excesso nas plantas, os agrotóxicos poluem os alimentos e o solo. Barridas pela chuva para lagoas e rios, podem causar graves danos à saúde dos seres que vivem nesse local ou quem apenas ingerir aquela água.

O que podemos fazer para preservar o meio ambiente:

Não jogar lixo na rua;

Não cortar árvores;

Não jogar embalagens de veneno no chão;

Não fazer queimadas etc.

AVALIAÇÃO

1. Ortografia

7. Concordância

Qualidade do Texto

2. Pontuação

8. Regência

— _____

3. Acentuação

9. Uniformidade de tratamento

— _____

4. Legibilidade

10. Adequação ao tema

— _____

5. Margem e Parágrafo

11. Apresentação

— _____

6. Título

12. _____

— _____

Carta 34

FICHA DE REDAÇÃOEscola: Escola Santos DumontNome: Ederson Luis Stern

Nº _____

Série: 5º Turma: Uº Data: 27/11/2002 Nota: _____Preservação do meio ambiente

Quando tudo foi descoberto era somente mata natural, mas logo depois de algum tempo começaram a cortar para assim construir suas casas de moradia.

Mas não pararam por aí cada vez foram cortando mais mata e assim também muitas aves, animais e outros bichos ficaram em extinção.

Os vários vazamentos de petróleo no mar foram colocadas muitas barreiras para não poluir mas nada adianta, o mar sempre ficou poluído e bastante para matar tudo o que vive no mar.

Foram criadas muitas leis ou seja, quem cortaria mata natural seria multado e até hoje existe isto.

Mas infelizmente ninguém obedece estas leis, o nosso meio ambiente já foi muito destruído e ainda está sendo porque ninguém quer obedecer estas leis?

As pessoas estão prejudicando si mesmas tudo isto também leva as terras abaixo assim ~~provocando~~ provocando erosões.

A que ponto vamos chegar com o meio ambiente se tudo continuar assim, terminará a beleza que Deus deu de presente para todos nós.

Vamos colaborar, cuidar do meio ambiente.

AVALIAÇÃO

1. Ortografia	7. Concordância	Qualidade do Texto
2. Pontuação	8. Regência	_____
3. Acentuação	9. Uniformidade de tratamento	_____
4. Legibilidade	10. Adequação ao tema	_____
5. Margem e Parágrafo	11. Apresentação	_____
6. Título	12. _____	_____

Carta 35

FICHA DE REDAÇÃO

Escola: Santos Dumont
 Nome: Christian Borcholt Belbling Nº _____
 Série: 5º Turma: U Data: 27/11/02 Nota: _____

A preservação do meio ambiente

Entre muitos problemas que assolam o nosso planeta, esta a destruição do meio ambiente.

A poluição é um dos grandes problemas que os moradores da cidade enfrentam como a poluição das águas causadas pelos esgotos e outros resíduos que são jogados nos rios e mares, a poluição do ar provocada pela fumaça dos chaminés das fábricas e dos veículos.

Os moradores do campo enfrentam problemas do meio ambiente por causa do mau uso do ~~terro~~ terra, como o solo, o desmatamento, o queimada das matas, o uso de venenos, o lixo jogado na água dos rios e o lixo de solo poluem a água que as ~~placas~~ pessoas usam para beber, para molhar as plantas e para higiene.

AVALIAÇÃO

1. Ortografia	7. Concordância	Qualidade do Texto
2. Pontuação	8. Regência	—
3. Acentuação	9. Uniformidade de tratamento	—
4. Legibilidade	10. Adequação ao tema	—
5. Margem e Parágrafo	11. Apresentação	—
6. Título	12. _____	—

ANEXO 2

Relação de textos

Cartas escritas por jovens escolares do meio rural de Pelotas e apresentadas aos professores para identificação das marcas do gênero masculino e feminino.

Gênero feminino:

CARTA 01

Preservação do meio Ambiente

O meio ambiente é o lugar onde vivemos dela tiramos alimentos, borracha, papel e etc...

Se destruímos ela não vamos perder tudo, vamos morrer de fome, vamos ficar sem roupas, e sem animais.

Se poluímos a natureza vai ser pior para nos, vamos ter que respirar ar poluído, fumadas de queimado e tudo o que o homem fiser contra a natureza.

CARTA 03

A Natureza

Tão bela, singela é a mão do criador.

Flor tão colorida é a mão da criatura.

Árvore preservada é a mão da criatura.

Pássaros a voar é a mão do criador.

Lugar calmo apropriado para sua criação mão da criatura.

Todos nós somos feitos pela mão do criador.

Nós criaturas feitas pelo criador para preservar a natureza.

CARTA 05

A natureza agradece

O nosso ambiente é um paraíso, repleto de flores, árvores, animais de tudo de bom que existe. Temos que preservá-lo para termos ele sempre lindo seus animais, suas serras seu tudo, porque tudo é lindo. É uma pena que tem pessoas que não acham isso da natureza só destroem matam etc. Mas a verdade é que ela é bonita é bonita é bonita.

Você preserva, a natureza agradece.

CARTA 07

O meio Ambiente

O meio ambiente é lindo, não achas? Muitos acham, inclusive eu, eu adoro o meio ambiente, o ar puro, quando ninguém polui, os frutos gostosos, quando não se tem agrotóxico, os animais, a natureza, isso tudo foi feito com amor e carinho pra nós, mas tem gente que não aproveita.

A preservação da natureza é muito importante, por isso chega de meio ambiente, vamos lutar por um inteiro.

CARTA 09

O "Meio ambiente": na nossa natureza existi árvores, plantas, rios, animais e grandes florestas.

Mas a natureza está ameaçada, com o lixo que as pessoas jogam no meio-ambiente, as queimadas nas nossas florestas, a poluição dos rios, o nosso mundo está acabando.

Daí a alguns anos não existirá mais águas, plantas, animais e o mais importante o nosso ar.

Cada pessoas deve fazer sua parte preservando, protegendo e cuidando do nosso ambiente.

"O meio-ambiente é a nossa vida se você não cuidar vai acabar"

CARTA 10

O Meio ambiente

Vamos parara de poluir o ar, a água, desmatar as florestas e matas e sim valorizar o nosso meio ambiente.

Se nós destruímos a nossa natureza, que patrimônio deixaremos para nossos folhos, netos e bisnetos.

O meio ambiente é para ser cuidado e não desmatado. Vamos lutar para ter um completo ambiente e não um meio ambiente.

Se todos nós plantarmos árvores e reciclarmos o lixo, a nossa vida ficará melhor.

Quem pensa que destruindo o lugar onde vive será mais rico, está cada vez mais pobre de espírito.

CARTA 11

A natureza

Há vários motivos para nós cuidarmos a natureza. Uma delas se nós poluirmos ou destruímos a natureza estaremos nos prejudicando a nossa saúde.

Tem gente que prejudica a natureza jogando lixo no chão e na beira das praias, cortando matos. O desmatamento, a queima com agrotóxico ou sem.

O ar fica ruim prejudicando a nossa saúde.

A natureza está sendo destruída, para que destruir, a natureza é tão bonita.

CARTA 13

O meio ambiente

Devemos preservar o nosso meio ambiente, pois sem ele não podemos viver, mas não é isso que muita gente pensa, porque costumamos ver agricultores colocando tanto agrotóxico na terra, com isso acabamos comendo alimentos intoxicados, criando doenças, eu penso que eles fazem isso só para ganhar

dinheiro, não pensando nas conseqüências e prejudicando assim a si mesmos, com todo esse agrotóxico na terra eles poluem o ar, a água.

Mas não é só isso tem muita gente cortando árvores, só pensando em dinheiro.

Não tem como entender isso, estragar o meio ambiente para ganhar dinheiro.

Por isso eu peço: cuidem do nosso meio ambiente!

CARTA 15

A natureza

A vários motivos para preservarmos a natureza, mas apesar das pessoas saberem dos motivos, continuam atirando lixo nas ruas, nos rios, etc... pois falar é fácil, fazer é difícil!

Apesar de haver pessoas que sabem como cuidar da natureza, a maioria sabe que se deve preservar mas não cuidam e isso acaba trazendo várias doenças. Para cuidar da natureza basta jogar lixo no lixo, não nos chãos nem nos rios, em nem um outro lugar somente no lixo!!

CARTA 17

Meio Ambiente

As vezes quando as pessoas estão no centro comem alguma coisa e não veêm nada para colocar o lixo.

Então eles jogam no chão que acaba entupindo valos, que causa as enchentes quando chove. Se colocassem os lixos nos lixos não causaria tantos danos.

Na agricultura, os lixos entopem os valos nas lavouras. Deixam os valos ruins cheios de lixo, acaba atrapalhando no desenvolvimento das plantas os desmatamentos as queimas causam erosão no solo, porque eles não plantam árvores naquele lugar novamente.

Cuidem do meio ambiente é muito importante.

CARTA 19

Preserve o meio ambiente

A preservação do meio ambiente é muito importante, pois dela depende a nossa vida.

A terra é importante, é dela que tiramos nosso sustento, sem ela nós nunca iríamos viver bem.

Vamos cuidar bem do meio ambiente, é tão bom nós estarmos em contato com a natureza ver aquele lindo verde das plantas, então para sempre termos essa linda visão lembresse sempre desta frase “preserve a natureza”.

CARTA 21

Preserve o Meio Ambiente

O meio ambiente faz parte da nossa vida, tanto na vida material, como na vida pessoal.

Não suje nosso meio ambiente, não jogue lixo no chão, jogue lixo no lixo. A natureza agradece.

Não faça desmatamento de árvores, não coloque veneno nas plantas, o veneno faz muito mal a saúde. Preserve a plantação não coloque veneno nas plantas são importantíssima na nossa vida elas nos alimentam e nos dão saúde.

O meio ambiente não precisa dessas poluições
como já disse

A natureza agradece

CARTA 22

O lixo no lixo

Como seria nosso ambiente sem tanto lixo, se parar para pensar seria muito lindo, muito bonito. As pessoas são tão porcas que não tem capacidade de colocar o lixo no lixo, se não o lixo demora anos e anos para se decompor. Se as pessoas cuidassem seria muito melhor o ambiente fica melhor as pessoas não estariam tão

doente como tem suas casas caindo e toda suja se elas colabora-se colocando o lixo no lixo.

Na agricultura o lixo serve para bastante coisas como materias organicas e as plantas ficam mais fortes e mais sadias.

CARTA 23

O meio ambiente

Pessoal não vamos jogar lixo no chão, jogar lixo no lixo!

Pois se a gente ir passear numa pracinha não podemos jogar lixo no chão, pois vai ficar imunda.

Em casa temos que separar os lixos recicláveis, vidros, cascas de alimentos transformar em lixo orgânico.

Nós temos a obrigação de conservar o meio ambiente, para nós podermos viver em um ambiente agradável.

Vamos viver sem poluição!

CARTA 26

O meio ambiente devemos salvar

O meio ambiente devemos salvar para mais tarde os nossos filhos e nossos netos poderem viverem num ambiente melhor. Por isso devemos preservar o meio ambiente por que sem ele nós não vivemos. Por isso devemos preservar a natureza não jogando lixo nos rios, nas ruas nas valetas por que vão entupir es gotos e valetas e quando for chover vão acabar nas águas que a gente vamos andar, causando doenças transmitives como a leptospirose a doença do rato.

Não desmatando florestas, matas, campos fazendo queimadas nas florestas, cortando árvores.

Tem muitas pessoas que ficam querendo que as frutas fiquem maiores para vender mais caro, então acabam colocando agrotóxico nas frutas e nas verduras que acabam causando várias doenças como o câncer etc.

Gênero masculino:

CARTA 02

A sua parte

A natureza é constituída por várias espécies de animais e plantas.

Cada um tem sua função. As plantas, verdes, e estontiantes, purificam o ar.

Os animais, por exemplo o tigre, forte, bonito, um dos protetores da natureza. O leão o rei da selva com sua coroa de cabelos, dentes afiados. Eles fazem sua parte!

Já na água, as plantas aquáticas, que purificam a água deixando-a cristalina e pura, Só tem um problema. A água salgada é imprópria para beber.

todos fazem sua parte!

Mas o homem ao invéz de fazer a sua parte ele está destruindo a parte dos outros!

CARTA 04

Preservação do meio ambiente

O mundo inteiro está destruindo o meio ambiente em que nós estamos vivendo por isso eu acho que para preservar a natureza devemos fazer como meus pais fazem na pequena propriedade de 7 hectares que cultivam com pastagens, milho, pimenta vermelha, morango e verduras para consumo da casa.

Para conservar o solo eles usam curvas de nível e plantio direto. Nas plantações não usam venenos e pesticidas. No morango só usam adubo foliar.

Se todos agricultores fizessem assim como os meus pais eu acho que as pessoas teriam mais saúde e principalmente o meio ambiente não seria tão maltratado como está sendo.

Isso é o que eu entendo por preservação do meio ambiente.

CARTA 06

Paz Verde

É lamentável saber que o ser humano vêm degradando o seu habitat, o seu planeta e conseqüentemente destruindo a si mesmo. Mas felizmente não são todas as pessoas que agem dessa forma destruidora e irresponsável, ao contrário estas pessoas lutam e procuram fazer a sua parte com um único objetivo, preservar o meio ambiente, o planeta. E esta luta é demonstrada desde pequenos atos como separar o lixo orgânico do lixo que pode e deveria ser reciclado se o governo viesse a se mobilizar que esse ato seria de extrema importância para a sociedade, até protestos contra grandes poluições sejam elas do ar, da água ou da terra. E o planeta já vem apresentando as conseqüências desastrosas causada pela imprudência do homem sobre o meio ambiente. E uma dessas conseqüências é o buraco na camada de ozônio que vêm aquecendo partes do nosso planeta e aumentando com o passar do tempo.

Desequilíbrio ambiental essa é uma palavra bem conhecida e lamentada na nossa atual realidade, causada pelos atos destruidores e inconstantes do homem como queimadas, desmatamentos, alagamentos muitas vezes causadas pelo acúmulo de lixo jogados em locais impróprios, o uso excessivo de agrotóxicos entre outros atos de depreciação ao meio ambiente.

Temos que fazer valer nossa voz para conscientizar aqueles que faturam e ao mesmo tempo destroem a natureza, pois inevitavelmente também sofreremos as drásticas e talvez irreversíveis conseqüências dessa destruição. Existem soluções, e elas tem que ser postas em práticas, como o reflorestamento, filtros nas chaminés de fabricas, tratamento de esgoto, reciclagem de lixo entre outras formas de preservação ao meio ambiente que garantem a sobrevivência de todos os seres vivos que habitam a terra.

Somos dependentes do meio ambiente e cabe a cada um de nós saber preservá-lo. Pois preservar a natureza é preservar a vida.

CARTA 08

A natureza agradece

O lixo que jogamos no chão é uma coisa que se deve ter respeito, não se pode fazer isso por respeito à natureza. Devemos também ter cuidados com os agrotóxicos que se usam nas lavouras as inseticidas para matar os bichos, pois assim devemos proteger a natureza em que vivemos, os agricultores não devem pensar só em eles porque no mundo vivem milhares de pessoas, por isso proteja a natureza, jogue o lixo no lixo, pois a natureza agradece.

CARTA 12

Preservação do Meio ambiente

Preservar o meio ambiente é cuidar bem da natureza, não poluir o ar, não poluir os rios... não se pode deixar lixos atirados no chão, lixo tem que ser colocado no sexto do lixo.

Tem gente que polui o meio ambiente e nem se dá por conta, essas pessoas colocam agrotóxicos nas frutas em que vão ser vendidas; no veneno que eles colocam no fumo, o fumo é o maior inimigo da preservação do meio ambiente, porque quando tem vento o veneno se espalha por vários lugares, quando chove a terra que está poluída pelos venenos escorre para os rios/ e polui a água dos rios e os peixes acabam morrendo/e vai assim terminando com a natureza os gramados, as árvores acabam amarelando; E tem mais as frutas envenenadas acabam provocando câncer em muitas pessoas por devemos construir um mundo sem poluição, um ar limpo, as pessoas e as naturezas agradecem.

Somos mais felizes com a natureza pura.

CARTA 14

Preservar o Meio Ambiente

Preservar o meio ambiente é cuidar do que é nosso, tem gente que diz que cuida só porque, não corta árvores, não mata animais mas preservar não é só isso é

não jogar lixo na natureza, não construir esgotos perto da água ou em locais onde ajam seres vivos não colocar agrotóxicos etc...

Preservar começa desde não colocar agrotóxicos pois a nossa saúde também tem que ser preservada, o ar é uma importante fonte de poluição, fumaças de fábricas, carros etc...

Preserve o meio ambiente você precisa dele.

CARTA 16

Pobre meio ambiente

O nosso meio ambiente pelo homem.

O homem desmatou, queimou nossas florestas para fazer lavouras, mas o homem fazendo isso não se tocou que ele queimando estaria poluindo nosso ar que respiramos e também matou muitos animais.

Depois de desmatar o homem lavrou as terras, colocou venenos para combater as pragas nas lavouras, mas acabou matando outros animais.

Sem falar que os homens criaram os carros, os gases que acabam com nossa camada de ozônio, e com isso acaba nos prejudicando por que causa câncer de pele.

Não use carro nem esprei. Cuide da nossa camada de ozônio. Nossa pele agradece.

CARTA 18

Preservação do Meio Ambiente

O nosso meio ambiente é o nosso paraíso ele é o nosso bem mais precioso por que nós vivemos e dependemos dele e mesmo assim tem gente que o maltrata colocando veneno na terra.

Mas tem gente que se conscientiza sobre o que está fazendo e para, consegue mudar a cara do seu ambiente.

Na minha casa quando alguém faz alguma coisa errada eu aconselho a não fazer aquilo para não prejudicá-lo.

CARTA 20

O Meio Ambiente pede Socorro!

Meio Ambiente!...

Será que este meio ambiente de hoje é que nem o meio ambiente de anos atrás.

O meio ambiente atual esta sendo destruidos. Os animais estão ficando estintos, as pessoas cada vez estão ficando doentes. Mas como nós mesmos sabemos somos nós que estamos nos destruindo e destruindo toda as outras coisas junto (meio ambiente).

São as ambisões, o querer do mais e mais. Estão cada vez mais destruindo o meio ambiente, e sem falar nos produtos químicos.

Por tanto nós jovens temos que parar e pensar e tentar inverter essa triste realidade.

Socorro! Dis o meio ambiente.

CARTA 24

Nosso Meio Ambiente

Sem ela nós não vivemos sem ela não existe nada ela é o meio ambiente, mas tem gente que não sabe como manejar ela, tem muita gente que usa agrotóxicos muito fortes por isso ela não só prejudica o animais que vivem no solo, mas as plantas em volta e também os pássaros que abitam esta lavoura.

E também esses agrototoxicos são extremamente prejudiciais a nossa saúde podem ser até fatais ou seja até mortais se não matam ficam no nosso corpo para sempre.

CARTA 25

O Nosso Meio Ambiente

O nosso meio ambiente é muito importante, por que sem ele não existe nada, e muita gente não pensa em preserva-lo, essa porção de pessoas só querem

saber de ganhar dinheiro, uns derrubando matas os produtores botam muitos venenos nas lavouras com isso destrói a terra.

Para preservar o meio ambiente os agricultores usam adubos orgânicos, como o excremento de vaca, galinha e outros, também podemos usar a própria folha que servem de adubos. Assim os produtos nascem mais bonitos até para eliminar pragas à técnicas caseiras.

Se todos os agricultores discessem isto o meio ambiente ia ser bem menos poluído. Mas não só alguns que são conscientes e preservam o nosso meio ambiente.

CARTA 32

Preservação do Meio Ambiente

Da preservação dos ambientes naturais e espécies vivas depende também bem estar e, mesmo, a sobrevivência da espécie humana.

Que planeta deixaremos para nossos filhos? Não terão eles o direito de conhecer, pelo menos, substâncias amostras da natureza original da terra?

O homem não criou e não poderia recriar as mais simples das espécies vivas desse planeta.

Portanto, não deveria destruí-las.

Devemos reconhecer que, tal como nós todos seres vivos tem direito a vida e não existem apenas para serem utilizados em benefício da humanidade.

Com cada espécie eliminada o mundo se empobrece irreversivelmente.

Salve a natureza.

A extinção é para sempre.

CARTA 33

Preservação do Meio Ambiente

Geralmente a preservação do meio ambiente tem sido um assunto muito importante.

Os vazamentos de petróleo dos navios têm sido uma ameaça para a vida marinha. Muitos peixes, pinguins e outros seres vivos morrem por causa do vazamento de petróleo.

O homem também tem utilizado muito os agrotóxicos. Lançados em excesso nas plantas, os agrotóxicos poluem os alimentos e o solo. Levada pela chuva para a lagoa e rios, podem causar graves danos a saúde dos seres que vivem nesse local ou quem apenas ingerir aquela água.

O que podemos fazer para preservar o meio ambiente:

Não jogar lixo na rua;

Não cortar árvores;

Não jogar embalagens de veneno no chão;

Não fazer queimadas etc.

CARTA 34

Preservação do Meio Ambiente

Quando tudo foi descoberto era somente mata natural, mas logo depois de algum tempo começaram a cortar para assim construir casas de moradia.

Mas não pararam por aí cada vez foram cortando mais mata e assim também muitas aves, animais e outros bichos ficaram em extinção.

Os vários vazamentos de petróleo no mar foram colocados muitas barreiras para não poluir mas nada adiantou, o mar ficou poluída o bastante para matar tudo o que vive no mar.

Foram criadas muitas leis ou seja, quem cortaria mata natural seria multado e até hoje existe isso.

Mas infelizmente ninguém obedece as leis, o nosso meio ambiente já foi muito destruído e ainda está sendo porque ninguém quer obedecer as leis?

As pessoas estão prejudicando a si mesmo tudo isso também leva as terras abaixo assim provocando erosões.

A que ponto vamos chegar com o meio ambiente se tudo continuar assim, terminará a beleza que Deus deu de presente para todos nós.

Vamos colaborar, cuidar do meio ambiente.

CARTA 35

Preservação do Meio Ambiente

Entre muitos problemas que assolam o nosso planeta está a destruição do meio ambiente.

A poluição é um dos grandes problemas que os moradores da cidade enfrentam como a poluição das águas causadas pelos esgotos e outras sujeiras que são jogados nos rios e nos mares, a poluição do ar provocada pela fumaça das chaminés das fábricas e dos veículos.

Os moradores do campo enfrentam problemas do meio ambiente por causa do mau uso da terra, como do solo, o desmatamento, e a queimada das matas, o uso de venenos, o lixo jogado na água dos rios e o lixo do solo poluem a água que as pessoas usam para beber, para molhar as plantas e para a higiene.

ANEXO 3

PESQUISA DE GÊNERO

Prezado(a) Educador(a).

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo verificar como são percebidas as especificidades de gênero manifestadas por jovens rurais em textos dissertativos. Para que o nosso trabalho tenha o êxito do qual esperamos, precisamos da vossa colaboração no sentido de verificar os textos e identificar o que segue:

- 1- Em relação ao gênero masculino e feminino, quem escreveu o texto _____
- 2- Identificado o gênero (masculino ou feminino), cite 5 (cinco) características que justifique a sua escolha.

a) _____

b) _____

c) _____

d) _____

e) _____

Obrigado pela atenção.

Marco Antonio Medronha da Silva
Mestrando em Letras/UCPel

ANEXO 4

Respostas dos professores

ERROR: invalidaccess
OFFENDING COMMAND: FlateDecode

STACK:

```
[-null- ]  
-filestream-  
-filestream-  
-mark-  
/_Filters  
[0.0 255.0 ]  
/Decode  
8  
/BitsPerComponent  
[811.0 0.0 0.0 -1141.0 0.0 1141.0 ]  
/ImageMatrix  
1141  
/Height  
811  
/Width  
1  
/ImageType  
-mark-  
-savelevel-
```